



2016

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

- [29.02.2016](#) – Cerimónia de Agradecimento com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis
- [04.03.2016](#) – Entrega à LC do Estandarte Nacional que foi arreado em Macau
- [09.04.2016](#) – Dia Nacional do Combatente
- [05.06.2016](#) – Vila Nova de Ribeira – Painel alusivo à Guerra do Ultramar
- [09.06.2016](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes – Macedo de Cavaleiros
- [10.09.2016](#) – Inauguração do Monumento aos Combatentes em Monforte pelo MDN
- [05.10.2016](#) – Visita do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa à LC
- [25.10.2016](#) – Inauguração do CAMPS 3 – Porto
- [11.11.2016](#) – Dia do Armistício da Grande Guerra
- [10.12.2016](#) – Conferência Integrada no Seminário Evocativo da Grande Guerra, Paris
- [13.12.2016](#) – Festa de Natal na Sede da Liga dos Combatentes
- [29.12.2016](#) – Mensagem de Ano Novo

CERIMÓNIA DE AGRACIAMENTO COM A GRÃ-CRUZ DA ORDEM MILITAR DE AVIS

29 de fevereiro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da República Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes

Decidiu V.^a Ex.^a agraciar o Presidente da Liga dos Combatentes com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis, a mais antiga das ordens portuguesas, restabelecida em 1917 para agraciar os militares portugueses que combateram nos campos da Grande Guerra 1914-1918.

Como combatente, é uma honra ser distinguido, cem anos depois da entrada de Portugal na Grande Guerra, com uma condecoração então revitalizada para agraciar combatentes.

Esta decisão, projetada diretamente sobre a minha pessoa, o que muito me desvanece, terá, porém, certamente, naqueles que dirijo, a recompensa de serem reconhecidos, pelo alto magistrado da Nação, o trabalho de todos.

Desde as seis centenas de dirigentes voluntários, à centena de técnicos e funcionários e aos 70 000 membros que dão vida a esta Instituição. Dos mais saudáveis, jovens e idosos, aos milhares de deficientes sociais, deficientes físicos e deficientes mentais que apoiamos.

Pessoalmente percorrem-me três sentimentos:

- O primeiro de regozijo, por ser reconhecido um trabalho que está para além do cumprimento de um dever, mas antes se situa no campo da dádiva, dedicação total, voluntária e permanente, ao longo de anos, ao serviço e apoio dos outros, em especial dos mais carenciados.
- Um segundo sentimento de satisfação, por estar convicto de ter naqueles que dirijo e apoio o reconhecimento de se reverem nesta distinção, que me é conferida.
- Finalmente, um sentimento de tranquilidade de espírito, por de uma forma introspetiva, e de análise crítica profunda, pressentir ser essa alta distinção merecida.

Como Presidente da Liga dos Combatentes não devo deixar de, neste momento agradecer, em meu nome e de todos os Combatentes que represento, a atenção e interesse sempre demonstrados por V. Ex.^a, relativamente à problemática dos Antigos Combatentes em geral e da Liga dos Combatentes em particular, esta agora rejuvenescida com os Combatentes das Operações Humanitárias e de apoio à Paz.

Recordo a presença de V.^a Ex.^a, presidindo à cerimónia do Dia do Combatente na Batalha, a celebração dos 200 anos da Torre Espada da Sede da Liga e a cerimónia a que presidiu de evocação dos 50 anos do fim da Guerra do Ultramar com o descerramento de uma placa no Forte do Bom Sucesso, bem como a decisão que tomou de permitir o desfile de Antigos Combatentes na cerimónia militar evocativa do Dia de Portugal.

Decidiu igualmente V.^a. Ex.^a. em novembro de 2013, reconhecer os serviços que a Liga dos Combatentes vem prestando ao país, com a atribuição da Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

É por isso merecido o nosso reconhecimento ao Combatente, ao Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, ao Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente da República Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva.

A finalizar permitam-me que agradeça a todos os presentes e partilhe este momento singular com os amigos, Membros da Direção Central, Presidentes de núcleos e funcionários aqui presentes representando todo o nosso universo.

Uma palavra muito especial de agradecimento para toda a minha família, aqui representada pelos meus dois filhos Teresa e Miguel com quem partilho este momento e este agraciamento.

Uma palavra de felicitações ao Sr. General José Araújo Pinheiro por esta distinção que hoje lhe foi conferida (Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo).

É a V.^a. Ex.^a Senhor Presidente da República que agradeço tê-lo proporcionado.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CERIMÓNIA DA ENTREGA À INSTITUIÇÃO, DO ESTANDARTE NACIONAL, QUE FOI ARREADO NO TERRITÓRIO DE MACAU NO DIA DA PASSAGEM DA ADMINISTRAÇÃO PORTUGUESA PARA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA E QUE SE CONSTITUIU NA ÚLTIMA BANDEIRA DO IMPÉRIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS

04 de março de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor General Ramalho Eanes; Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional; Exmo. Senhor General CEMGFA; Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional; Senhores Chefes do Estado-Maior da Armada, do Exército e da Força Aérea; Exmo. Senhor General Rocha Vieira; Exmo. Senhor Professor Dr. Adriano Moreira

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Segundo sociólogos, entre os sistemas em que sociologicamente se decompõe qualquer sociedade global, encontra-se o sistema cultural. Sistema cultural que se refere à criação e definição de códigos e entra no domínio dos símbolos, das normas, dos valores.

A Bandeira Nacional é um desses símbolos culturais.

Estamos assim no campo do desenvolvimento de “valores referência” em códigos de conduta cuja aplicação se traduz na constituição de diversas forças, cuja resultante é o conjunto das Forças Morais da Sociedade global portuguesa.

Estas Forças Morais, este sistema cultural, constitui-se, segundo Easton em “apoio difuso” do Sistema político, acumulando-se em reserva de apoio segundo diversas formas nomeadamente aumentando a crença na legitimidade da autoridade, reforçando o Civismo pela difusão da ideologia do “bom senso” ou do “bem comum” e exaltando os símbolos da comunidade.

É o reforço do patriotismo, pelo simbolismo cerimonial de pertença à Sociedade. Segundo Jean La Pierre a interação do sistema cultural no sistema político, manifesta-se pelas *“ideologias da legitimidade e do bem comum, assim como o simbolismo da Pátria que saindo do sistema cultural, entram como recursos no sistema político. Por outro lado, certas decisões dos Sistemas políticos saem destes sistemas, afetando direta ou indiretamente os processos de formação e de reforço de crenças, normas, valores e símbolos que compõem aquelas ideologias”*.

No sistema político português, a entrada do sistema cultural como recurso do sistema político, nem sempre tem sido evidente, sendo clara em situações extremas.

Apresentamos apenas dois exemplos diferenciados. O primeiro em que não parece ser evidente aquela entrada. De facto, a palavra Pátria apenas uma vez aparece na Constituição da República de 1982 e duas na Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas, e só quando houve que dizer aos portugueses que lhe competia a sua defesa.

O outro exemplo de entrada plena do Sistema Cultural, no sistema político é aquele que nos traz aqui hoje. Completa um conjunto de ações iniciadas há séculos, em Macau, aprofundadas em 20 de dezembro de 1999, com a transição de forma digna e reforçadora das Nossas Forças Morais, do território sob Administração Portuguesa para a Administração da República Popular da China.

O aperto de mão entre Jorge Sampaio e Jiang Zemin selava a transferência para a China e punha fim a mais de quatro séculos de administração portuguesa. Por outro lado, o último Governador do Território General Rocha Vieira, encostava a Bandeira de Portugal dobrada ao coração, quando esta foi arriada pela última vez no Palácio do governo. Eram 10 horas do dia 20 de dezembro.

Este momento emotivo, do político 127.º Governador de Macau, ecoaria por Portugal inteiro e reforçaria as suas Forças Morais, estabelecendo um forte laço entre estas e o Sistema político, num período em que a descolonização fora tudo menos exemplar.

Naquele ato de transmissão de poderes, onde foi clara a consciência da população de Macau e do seu Governo das suas forças materiais, fator também determinante das Forças Morais, foram evidentes, nos valores abstratos que compõem aquelas Forças, a qualidade dos chefes, o seu patriotismo, a capacidade de sacrifício e de adaptação a situações novas, o conhecimento e respeito pela História, tudo tendo como referência o Interesse Nacional.

Estes valores resultaram potencializados face a uma ação política respeitadora do Sistema Cultural português orientadora de vias que garantiram a cultura prática dos valores referência e consequente consciente disponibilidade do Homem para a sua defesa e dignificação.

Não pretendemos sobrestimar estes fatores já que a sua complexidade e subjetividade não permitirá concluir concordantemente com Joseph De Maistre ao afirmar *“que uma batalha perdida é apenas a que nos convencemos ter perdido e será vitória toda a batalha que nos convencemos ter ganho”*.

Fica assim claro que uma sólida formação Ética, moral e Cívica, facilita aos decisores a compreensão do verdadeiro Interesse Nacional e a sua entrega na preparação daquilo que desejam ser e do que profundamente desejam salvaguardar.

O que se pretendeu salvaguardar em Macau teve o seu momento crítico não em 1999 mas no primeiro semestre de 1975. Na primavera quente de Macau. Quando duas óticas do poder militar em Macau se confrontavam, como noutras partes do então mundo português.

Uma, apoiando a entrega imediata do território à China e a destituição dos seus representantes.

Outra, defendendo a aplicação do Programa do Movimento das FA, através da aplicação do princípio do respeito da vontade das populações. Maio de 1975 foi momento crítico para o futuro imediato de Macau.

Sou testemunha ocular de quatro vontades que permitiram o cumprimento da vontade da população e da própria RPC: O Comandante Militar, Tenente-coronel Maia Gonçalves, o Comandante da Polícia, Major Lobo de Ávila, o Major (Chito Rodrigues) o Chefe de Estado Maior do Comando Chefe e o Secretário Adjunto para Obras Públicas, então Encarregado do Governo, Major Vasco Rocha Vieira. Venceu o bom senso e a moderação. Essa ação determinada e com riscos físicos e de carreira, cuja descrição aqui não tem lugar, permitiu que 20 anos depois o mesmo Vasco Rocha Vieira, então general sáisse de Macau com a Bandeira que seria a última a ser arriada em Território Ultramarino Português.

É esse alto significado simbólico, reforçador das nossas Forças Morais, da nossa História, da História das nossas Forças Armadas que aqui evocamos hoje, num ato que conservará através do

tempo, na nossa memória coletiva, um finalizar tranquilo, em paz, em perfeita harmonia entre dialogantes, o Império Português.

Na Batalha, onde D. Nuno Álvares Pereira nos reporta a 1385, o Monumento a Mouzinho de Albuquerque aos anos de 1890, o Túmulo do Soldado Desconhecido a 1914-1918, a Bandeira Nacional, que hoje o General Rocha Vieira decide entregar à Liga dos Combatentes, entidade responsável pelo Museu de Oferendas, no Mosteiro da Vitória enriquecerá o Poder Simbólico da nossa Instituição e reforçará um dos nossos maiores objetivos estatutários: Promoção da História de Portugal e do Amor à Pátria.

Ali será colocada no próximo dia 9 de abril, Dia Nacional do Combatente.

Uma palavra de profundo agradecimento ao General Rocha Vieira por ter distinguido a Liga dos Combatentes, repositório de História e de Valores Pátrios ao ter decidido entregar-lhe o símbolo estandarte nacional que pela última vez flutuou em Macau e no chamado Império Ultramarino Português.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA NACIONAL DO COMBATENTE, 98.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS E 80.ª ROMAGEM AO TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO - BATALHA

09 de abril de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da República, Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Excelência

Quem fomos, o que somos, o que queremos continuar a ser, os valores e as razões que aqui nos trazem, neste Dia evocativo de todos os combatentes por Portugal, foram certamente fatores que conduziram V. Exa. a decidir juntar-se a nós neste histórico lugar, neste histórico dia, numa das primeiras ações públicas de V. Exa. como Presidente de todos sem exceção. Neste Dia do Combatente, como tal institucionalmente evocado há décadas, do 98.º aniversário da Batalha do Lys e da 80.ª Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido, em nome dos combatentes da Liga dos Combatentes e de todas as associações que se nos juntaram, permita que lhe transmita a honra que sentimos pela sua presença e partilhe com V. Exa. um sentimento profundo de reconhecimento, por assim testemunhar e confirmar a importância e significado que lhe merece, não só este dia, mas toda a envolvente que cimenta a condição de ter sido ou ser combatente das forças armadas portuguesas.

Em nome de todos os combatentes presentes e dos que em espírito estão connosco o nosso muito português, Bem-haja!

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional; Exmo. Senhor General Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional; Exmo. Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, General Chefe do Estado Maior da Força Aérea e Chefe do Estado-maior do Exército em suplência; Exmo. Senhor General Comandante da GNR e Representante do Diretor Nacional da PSP; Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha; Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Batalha; Exmo. Senhor Vice-Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional em representação do seu Presidente Exmo. Senhor General Chefe da Casa Militar de S. Exa. o Presidente da República; Exmo. Senhor General Vasco Rocha Vieira; Exmo. Senhor General Presidente da Comissão Evocativa da Grande Guerra; Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores-gerais; Excelência Reverendíssima o Bispo das FA e FS; Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Leiria; Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro da Batalha; Exmos. Senhores Adidos de Defesa de Países Amigos; Ilustres Membros do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes; Ilustres autoridades civis, militares e religiosas; Senhores Presidentes de Associações de Combatentes nacionais e estrangeiras e de Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres Convidados; Minhas Senhoras e Meus Senhores; Caros membros da Liga dos Combatentes Caros Combatentes

Evocamos hoje, 9 de abril, como é longa tradição, o Dia do Combatente. No ano em curso, para além de evocarmos o soldado português ao longo da história e a sua participação na primeira Guerra Mundial que essa mesma história como tal reconhece e em que a Batalha do Lys é a ponta

tumultuosa desse arrepiante tumulto, evocamos hoje também o centenário do fim da neutralidade de Portugal e a preparação para a sua participação na Grande Guerra, no centro da Europa, a partir da decisão política da Alemanha, de 9 de março de 1916.

Não vimos evocar a glorificação da Nação. Não vimos penetrar nos meandros da razão ou da culpa dos acontecimentos. Não vimos apresentar visões sociais da história ou as diversas óticas políticas ou militares. Mas já consideramos vir hoje, mais uma vez, enaltecer o Homem. Glorificar o soldado. Revisitar a sua memória. O soldado despolitizado. O soldado cumpridor de missões na convicção do cumprimento do dever.

O soldado que morrendo pela Pátria é colocado nesse altar pelos companheiros do lado. O soldado que é morto. Que é ferido. Que é feito prisioneiro ou sobrevive na luta. Comandante ou subordinado.

Tudo resultante de uma dicotomia de vontades que o ultrapassam, que o conduzem à banalização da morte, à brutalidade desumana e à violência extrema, mas onde passa a ser, como normalmente é, coator irresponsável dos acontecimentos.

E é essa irresponsabilidade moral e política que o glorifica e o trás, ou deveria trazer, ao apreço daqueles por quem se bateu e a quem procurou convictamente garantir paz e liberdade. Porque só se merece respeito e apreço quando nos batemos convictamente pela paz e pela liberdade dos nossos e dos outros.

O século XX foi o século da massificação da morte de milhões desses soldados em conflitos de caráter mundial.

Cem anos depois do início desse holocausto mundial, replicado três décadas depois, evoquemos e respeitemos a sua memória e revivamos para atuações futuras, a memória das escusadas decisões políticas, que embora após a derrota da diplomacia e do diálogo, conduziram a sacrifícios e brutalidades sem classificação e com alto preço humano e material.

Cem anos depois, profundamente analisadas as causas, o conflito e as suas consequências, é com estupefação que se constata que as lições aprendidas de nada serviram aos seus autores, já que alguns anos depois, se envolviam em semelhante e ainda mais despropositado holocausto, cujo conteúdo e consequências se pautaram por maior e mais horrenda carnificina e desastrosas consequências para ambas as partes em confronto, quer a nível das suas forças armadas, quer das populações por quem aquelas se bateram.

Não podemos pois deixar de assinalar que a GG e os dramáticos acontecimentos vividos a nível mundial, foram o prelúdio de um século, o século XX, que ficará na história da humanidade como o século, em que pela primeira vez, não uma mas duas guerras mundiais ocorreram, provocando nesse curto espaço de tempo mais mortes e destruição do que em qualquer outro período da história da humanidade, não obstante ser o século, talvez como consequência desses fenómenos bélicos, provocador duma nova modernidade e de uma nova revolução industrial, que o século XXI, com intranquilidade conhecida, vem usufruindo.

O século XX, ameaçando destruir o mundo durante a sua primeira metade, atingindo o nível máximo de ameaça, o terror nuclear, conduziu durante a sua segunda metade, um novo tipo de

guerra, fria e sem mortes, mas terrivelmente mais ameaçadora que em qualquer outro momento da história da humanidade.

Ameaça destruidora adormecida que se mantém, hoje entrecortada com outros tipos de terror, ainda que menor, sem frentes, de aplicação geográfica fracionada, dispersa e indiscriminada, criadores de incerteza e insegurança pontuais, mas com ponto de aplicação possível e provável em qualquer parte do Globo, com instauração de medo, destruição e morte.

No centro desta apreciação global está sempre o Homem. O homem que as circunstâncias conduziram ao poder de decidir e o homem que as circunstâncias conduziram à condição de cumprir ou desobedecer.

É este último homem que cumpre e que jura cumprir, combatendo se necessário, com o sacrifício da própria vida, na prossecução da Segurança, Bem-estar, Justiça e Liberdade dos povos, que hoje neste dia do Combatente homenageamos profundamente.

É, pois, também importante evocar os que, há precisamente 55 anos, se batiam e alguns caíam no início do conflito em Angola e depois na Índia, não em ações ofensivas, mas em ações defensivas das populações e dos territórios então considerados território nacional. Mas também não esqueçamos os que fracassaram.

Há dois anos neste mesmo dia e lugar apelei à compreensão e perdão, ao único militar nas forças portuguesas fuzilado durante a Grande Guerra. E aqui cito a frase de Rudyard Kipling em Epitáfio da Guerra, inscrita em monumento belga aos militares daquele país então fuzilados:- " Eu não podia olhar para a morte, perante a qual sendo uma realidade, homens me levaram para ela de olhos vendados e sozinho".

João Augusto Ferreira de Almeida, combatente da Grande Guerra, viveu esse momento de cegueira e solidão, mas está hoje sepultado no cemitério de Richebourg junto dos seus companheiros do lado.

Não está sozinho. Nós estamos também com ele. A Liga dos Combatentes tem fundadas esperanças que a sua proposta seja em breve superiormente decidida e o seu perdão ou amnistia concretizado.

Senhor Presidente da República,
Excelência,

Há precisamente 95 anos, neste mesmo dia, 9 de abril de 1921, os restos mortais de dois combatentes da Grande Guerra eram inumados na Sala do Capítulo e o artífice Sargento Lourenço Chaves de Almeida apresentava o projeto do Lampadário que, anos depois, neste mesmo dia 9 de Abril de 1924, seria inaugurado pelo Ministro da Guerra Américo Olavo como a Chama da Pátria, sobre a lápide tumular de dois soldados caídos honrando a Bandeira de Portugal.

Quis o homem, o tempo e as circunstâncias que hoje, em que Sua Exa. o Presidente da República nos dá a honra de presidir a esta cerimónia, juntando-se a nós na evocação do Dia do Combatente e do Centenário do fim da neutralidade de Portugal na primeira Guerra Mundial, assinalemos um facto talvez tão marcante como o evento de há 95 anos com o Lampadário.

Muito honra a nossa instituição o facto de a partir de hoje podermos colocar em exposição pública, no Museu das Oferendas da Liga dos Combatentes, a última Bandeira Nacional que flutuou no território de Macau, arriada as 17h00 de 19 de dezembro de 1999 e que foi entregue à Liga dos Combatentes pelo Senhor General Vasco Rocha Vieira, último governador do território, no passado dia 4 de março na sede da Liga dos Combatentes.

Permitam-me que sublinhe o aprofundamento dos nossos objetivos estatutários, de promoção da história, do amor à pátria e da defesa dos símbolos nacionais, e agradeça ao Senhor General Rocha Vieira aqui presente com antigos elementos do Governo de Macau o facto de vermos enriquecido o nosso património histórico e cultural com este símbolo imaterial que marcou o fim material do Império Ultramarino Português. Neste lugar da Batalha, onde os homens ergueram um Mosteiro evocando 1385 e a garantia da sua independência.

São Nuno de Santa Maria se nos apresenta em bronze como soldado herói e santo. Mouzinho de Albuquerque é evocado em significativo monumento, recordando-nos 1890.

Uma campaa rasa acolhe dois combatentes da Grande Guerra e um Cristo das Trincheiras olha-os do alto iluminados pela Chama da Pátria. Onde esperamos que um dia um monumento recorde o esforço dos Combatentes do Ultramar, colocamos hoje um símbolo, síntese de todos os símbolos, a Bandeira Nacional que pela última vez flutuou no espaço português de além-mar.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Excelência

A Liga dos Combatentes e os combatentes batem-se por dois grandes objetivos: promoção e defesa de valores e prática da solidariedade. Os Valores promovem-se por atos e palavras. A solidariedade pratica-se por palavras e atos. Na evocação dos valores, como se verifica na cerimónia de hoje, a 10 de Junho ou a 11 de novembro no armistício ou em momentos semelhantes, sentimos o reconhecimento e apoio generalizado dos poderes públicos e dos cidadãos. Os atos correspondem às palavras. Na prática da solidariedade para com os combatentes deficientes sociais, deficientes físicos e deficientes mentais, tem-se verificado extraordinariamente mais difícil passar das palavras aos atos.

Os apoios e a compreensão do estado para com os combatentes necessitados têm-se verificado insuficiente e mesmo em situação de crise, entendemos que será possível fazer corresponder melhor as palavras aos atos. Quer os governos, quer as entidades privadas, quer os órgãos de comunicação social nacionais. Nós combatentes e em especial os mais necessitados, sempre vivemos em crise. Sempre vivemos do apoio dos outros.

Temos plena convicção de que V. Exa., como Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, órgão que tem por missão “sensibilizar os órgãos de soberania e da Administração Pública para o apoio ao desenvolvimento da Liga dos Combatentes”, nos ajudará ativamente para que solidariedade não seja para nós uma palavra comum, mas sim superlativa e objetiva que possibilite e garanta melhor qualidade de vida aos combatentes e famílias a quem a vida não sorriu.

Muitos dos nossos encontram-se no universo definido pelo Papa Francisco e que V. Exa. tem evidenciado que necessitam " do diálogo, da compreensão e da solidariedade" porque muitos são

de facto “pobres, fracos e oprimidos”, idosos e doentes, depois de terem sido jovens, fortes e saudáveis na defesa militar da República e da Pátria.

Exmo. Senhor Presidente da República,

Disse V. Exa no importante discurso da Cerimónia Militar em Mafra, ao ser recebido como Comandante Supremo das Forças Armadas, entre outras significativas e oportunas afirmações referentes as Forças Armadas e à sua atuação, o seguinte e cito:

Lutaram pela Pátria em cenários de horror, como na Grande Guerra. Partiram para os confins do Império, convictas de um dever nacional a cumprir. Os nossos antigos Combatentes testemunham-no, como dos mais corajosos de todos nós.

E mais adiante:

Onde quer que exista um soldado, um marinheiro, um aviador, aí está presente o melhor de Portugal.

Hoje tem consigo um testemunho desses corajosos soldados, marinheiros e aviadores. Hoje tem consigo os que aprenderam a ser e continuam a ser o melhor de Portugal.

Exmo. Senhor Presidente da República, Senhor Ministro da Defesa Nacional
Novo Presidente da República. Novo governo,
Há sem dúvida, uma Nova Esperança por parte dos Combatentes por Portugal.
Termino por isso com renovada esperança, o nosso lema:

*Liga dos Combatentes,
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes,
Em todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

5.º ANIVERSÁRIO DO NÚCLEO DE RIBEIRÃO - INAUGURAÇÃO DE MEMORIAL

5 de junho de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Famalicão; Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Ribeirão; Entidades civis, militares e religiosas presentes; Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Ribeirão da Liga dos Combatentes; Exmo. Senhores Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes presentes

Minhas Senhoras e meus Senhores
Caros Combatentes

Evocam -se hoje cinco anos de uma juventude ativa. Cinco anos se perfazem sobre o nascimento de mais um tentáculo organizado de uma instituição patriótica e solidária quase secular: O núcleo de Ribeirão da Liga dos Combatentes.

Hoje que se emprega a medo e se justifica sempre que se emprega, a palavra patriota, nós combatentes e membros da Liga dos Combatentes, convivemos com ela desde que um dia juramos defender a Pátria e por ela morrer se necessário fosse. Fomos e somos patriotas. Amámos e amamos Portugal.

Evocamos este aniversário, homenageamos todos os combatentes e testemunho a realização demais uma obra local visível e útil para os combatentes e famílias e para a sociedade em geral.

Obra que dignifica e prestigia Ribeirão. Uma obra. Um homem. Uma equipa. Há precisamente cinco anos que após uma reunião com o atual presidente do núcleo de Ribeirão senhor José Ferreira dos Santos, estando presente o presidente do núcleo do Porto, senhor Coronel Belchior, que concluímos ser possível criar um núcleo da Liga dos Combatentes nesta localidade.

Confiámos. Acreditámos.

Rapidamente nos apercebemos não só da capacidade de gestão e direção do senhor Ferreira dos Santos, como da sua compreensão plena dos estatutos da Liga dos Combatentes, bem como da sua determinação em cumprir as grandes linhas de orientação da Direção Central e da nossa instituição.

Em cinco anos, Ribeirão tomou-se um dos grandes núcleos da Liga dos Combatentes. Já com mais de 500 sócios, pagando as suas quotas, tornou-se um núcleo com iniciativa, quer dando dignidade histórica aos espaços que ocupa, quer apoiando e acompanhando combatentes e famílias.

Muito esforço, muito trabalho voluntário, muita compreensão da missão da Liga dos Combatentes, muita lealdade institucional. Atributos que testemunho e por isso aqui deixo hoje o meu apreço pelo trabalho realizado pelo Núcleo de Ribeirão nestes cinco anos, na prossecução dos objetivos da Liga e ao serviço do país. Na sequência da recuperação da sede e da inauguração de um significativo e expressivo monumento, inaugura-se hoje um painel de azulejo interpretativo da história do conflito 1961-1975, em África.

A intervenção da Liga dos Combatentes neste espaço com o apoio e a compreensão do Monsenhor Manuel Joaquim trouxeram-lhe um significado e um ambiente salutar único. Representam-se na obra a inaugurar hoje, factos bélicos, vivências de soldados num conflito armado ao serviço do seu país, sentimentos humanos enriquecedores do homem, que, uma vez ultrapassadas as agruras e sacrifícios da guerra, na generalidade regressou mais forte e mais amante da Paz e da vida.

Aqui se conjuga a alma do homem combatente e o transcendente.

Aqui se compreende a necessidade daqueles em que a vida é posta perante um perigo permanente ou potencial, em terem algo em que se agarrar ou a quem apelar.

Por isso para os que viveram a guerra, olham para este espaço geográfico, agora vivificado pelos combatentes de Portugal, com a compreensão e a naturalidade própria de quem já um dia viveu as dramáticas situações que os levaram a pronunciar a frase: - Oh Meu Deus! Oh minha Mãe!

Aqui se conjuga o Homem, o transcendente e a Família, transformando este espaço num espaço com significado humano e espiritual próprio, em Ribeirão e mesmo no país. As entidades autárquicas e empresariais, bem como aos artistas que têm apoiado o núcleo para que estejamos perante esta realidade, os sinceros agradecimentos do Presidente da Liga dos Combatentes.

São momentos como estes e outros semelhantes que se repetem por esse país fora noutros núcleos da Liga que nos tonificam nos dão a força suficiente para continuar a acreditar na necessidade e perenidade da nossa instituição. E a lutar pelo cumprimento dos seus objetivos e contra a ignorância, desconhecimento, desinteresse, incompreensão com que por vezes somos confrontados.

Por detrás destes dias festivos está sempre a necessidade de meios para combater a pobreza, para reconhecer e apoiar o deficiente mental, físico ou social. Enfim para, para além de vivificarmos os valores que sempre nos orientaram, conseguirmos cumprir a nossa missão solidária a qual, com a promoção daqueles valores, justificam a nossa luta e a nossa existência.

Vivemos hoje numa feliz convergência de núcleos com a antiguidade da própria Liga e novos Núcleos. Hoje em Ribeirão, na próxima semana em Lixa, Macedo de Cavaleiros e Cantanhede, todos novos e ativos núcleos de uma nova Liga garantia de um futuro que nos ultrapassará. Simultaneamente comemoraremos os 90 anos do Núcleo da Covilhã, como recentemente fizemos em Espinho, evocando a história e trabalho fecundo dos que no presente continuam o trabalho dos que nos antecederam nesses locais.

Também hoje, oito dezenas de combatentes receberão a condecoração das campanhas a que tinham direito. Foi por proposta e iniciativa da Liga dos Combatentes que nos últimos quatro anos centenas e centenas de combatentes receberam a condecoração, que por direito próprio usavam no fundo do seu coração como última recompensa do esforço feito, mas nunca lhes havia sido colocada no peito para visão pública.

Os nossos sinceros parabéns a todos e uma vez mais o reconhecimento do esforço feito. São testemunhos simples para homens simples, que uma vez trazidos a público engrandecem quem é reconhecido e quem reconhece.

Esta uma forma de agradecer aos homens a quem a Pátria recorreu em determinada altura das suas vidas para, de arma na mão, defenderem populações ameaçadas, estabelecerem a paz e a ordem em território então considerado território nacional, não convencidos que defendiam o colonialismo, mas convencidos que defendiam Portugal de acordo com a lei e a constituição.

Termino felicitando mais uma vez o Núcleo de Ribeirão e o seu Presidente, as entidades locais que os apoiam e todos os combatentes e famílias membros da Liga pelo dia de hoje, pela obra feita e pela certeza do amanhã.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE HOMENAGEM AOS COMBATENTES DE MACEDO DE CAVALEIROS

9 de junho de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Administração Interna; Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Macedo de Cavaleiros; Exmo. Senhor presidente da Junta de Freguesia; Entidades Cívicas, Militares e Religiosas; Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Macedo de Cavaleiros; Senhores Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes

Minhas senhoras e meus senhores

Caros combatentes

Há dias da vida do homem e das comunidades em que a história acontece. Hoje em Macedo de Cavaleiros acontece história. A memória dos seus antepassados e dos seus maiores fica marcada por obra valorosa. Foi um sonho de combatente, sobre combatentes, acariciado por uma edilidade que soube interpretar o sentimento profundo do seu povo e enriqueceu a cidade com um marco histórico que a dignifica e prestigia. Macedo de Cavaleiros junta-se hoje de forma maiúscula e exemplar a mais de quatrocentos lugares de Portugal em que a homenagem aos combatentes da Grande Guerra e da Guerra do Ultramar se faz esculpindo a pedra ou o mármore, trabalhando o ferro ou o bronze, enfim, criando espaços de memória e de lições aprendidas, apontando as gerações futuras não só o exemplo dos seus maiores mas também proporcionando momentos de meditação que ajudam a viver o presente e a decidir o futuro no caminho do progresso, da honra e da perenidade dos valores superiores pelos quais vale a pena lutar.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Macedo de Cavaleiros, em nome dos antigos combatentes por Portugal felicito V. Exa e toda edilidade pela decisão tomada que nos permite estar hoje num espaço, ontem abandonado e agora perfeitamente integrado de forma superior na cidade, não de forma comum, mas transmitindo uma mensagem que no presente a todos toca e a todos prestigia e no futuro se projetará em gerações sucessivas, como uma verdadeira lição de história do século XX português.

Ao senhor Presidente do Núcleo de Macedo de Cavaleiros da Liga dos Combatentes e a sua direção testemunho o meu apreço e gratidão pelo trabalho desenvolvido para que esta obra fosse uma realidade. Ela marcará o aniversário e a vida de um jovem núcleo da Liga dos combatentes neste interior do Nordeste transmontano. Esta praça e este monumento evidenciam uma homenagem aos combatentes que em dois momentos difíceis da vida dos portugueses no século XX foram levados a pegar em armas para no cumprimento de um dever patriótico, defenderem as gentes e os valores vitais do país: a Grande Guerra e a Guerra do Ultramar.

Na primeira durante quatro anos defendemos os nossos interesses em África e na Europa. Na segunda durante catorze. Muitas vidas perdidas, muitas vidas mutiladas, muito esforço militar individual e coletivo ao serviço de políticas por vezes pouco clarividentes, em qualquer destes momentos históricos. Políticas com reflexo direto nos meios humanos e materiais disponibilizados para participar nos conflitos e consequente influência na condução das operações exigindo dos militares ou resultados incompatíveis com os meios disponibilizados ou prolongamento no tempo de situações de conflito militar que o diálogo político poderia resolver. Dai serem ainda mais honrosos, mas também mais dramáticos, os sacrifícios pedidos ao homem combatente,

transmontano ou minhoto, algarvio, alentejano ou beirão. Daí sentirmo-nos orgulhosos pela forma como os militares e as suas Forças Armadas se bateram nas mais diversas circunstâncias de guerra convencional e de guerrilha, em ambiente asiático, africano ou europeu, com frentes bem definidas ou sem frentes, contra inimigos diversificados em meios e táticas utilizadas e sempre milhares de quilómetros afastadas da sua área de retaguarda e do seu berço natal.

A maioria regressou mais homem e mais forte para encarar os problemas da vida, mas muitos necessitaram do apoio de uma organização como a Liga dos Combatentes a qual lutando pela preservação dos valores da história e da cultura, jamais esqueceu aqueles a quem a vida foi madrasta e necessitaram de apoios que o estado lhes não facultou. Mas hoje é dia de festa em Macedo de Cavaleiros e Trás-os-Montes. Dia de festa e de regozijo. Os combatentes de Macedo revêem-se na obra feita e sentem como ela testemunhara no futuro o esforço e sacrifício da sua geração.

*Evocando factos bélicos
Vivências de Soldados
Evocamos sentimentos humanos
De determinação e de coragem
De luta por valores
De liberdade e de justiça
Vivificamos memórias
Homenageamos no presente
Os feitos do passado longínquo
Sentindo que estamos ajudando
A construir o futuro*

É este o sentimento que nos reúne hoje aqui em Macedo de Cavaleiros.

*O soldado foi o trunfo que se jogou.
Sempre que a Pátria esteve em perigo.
Foi ele, com valor quem lutou.
Não merece jamais ser esquecido.*

Esta praça e este monumento ajudarão a perpetuar a sua memória.

Vivam os Combatentes por Portugal
Viva Macedo de Cavaleiros
Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES EM MONFORTE PELO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL

10 de setembro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional

É uma honra e uma satisfação participar na inauguração de um monumento e homenagem aos combatentes em cerimónia presidida por V. Exa. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Monforte, agradeço a V. Exa o convite para assistir a esta iniciativa da Câmara de Monforte.

Monforte, Portugal profundo. Terra de visigodos, muçulmanos e cristãos. Foral de D. Manuel I. Conhedora por isso da evolução da nossa História. Terra equidistante de Estremoz e Portalegre. Decidiu juntar-se a esta homenagem nacional e a este património nacional em que se tornou o Conjunto de já 300 monumentos espalhados pelo país e pelo estrangeiro evocando os Combatentes da guerra do ultramar.

Mas porque este sentimento nacional do Portugal profundo?

E que tocou a todos. Cerca de um milhão de cidadãos participaram. Todos tiveram pai, mãe, avós maternos e paternos, alguns casados e com Filhos. Logo seis a sete milhões de portugueses sofreram a separação e a dúvida de ver ou não voltar a ver o regresso de um ente querido da guerra.

Guerra. Para nós combatentes que tivemos que nela participar é esse o nome que lhe damos. Sim, essa violência organizada que nasce com as primeiras lutas por um poder ou território fornecendo ao grupo mais poderoso a legitimidade e os meios para dominar o outro, procurando sempre que a batalha seja decisiva. Por isso para os militares ao serviço das forças armadas não há adjetivação da guerra. Não há guerras justas ou injustas. Coloniais ou ultramarinas. Subversivas ou revolucionárias, religiosas ou ideológicas. Só no patamar político a guerra toma essas e outras adjetivações. No patamar militar a guerra *C'est la guerre...*

E quando na guerra se consegue a batalha decisiva, nos conflitos em larga escala, ela muda o mundo. E são esses grandes marcos que os historiadores assinalam. Foi assim no séc. III AC na batalha de Salamina em que na Pérsia, Alexandre derrotou Dário. No séc. VIII depois de Cristo em que os muçulmanos depois de terem conquistado o Egipto, o norte de África e a Península Ibérica se lançaram sobre a Aquitânia sendo derrotados em Poitiers por Carlos Martel. Ou em Hatin, no séc. XI, em que Saladino tomou Jerusalém e abanou a cristandade. Ou em Austerlitz, ou em Stalinegrado ou em Midway.

Mas todas estas referências para dizer que, se ao nível mundial há batalhas decisivas que mudam a história, o mesmo acontece ao nível dos países. Se a História de Portugal mudou com a batalha de Aljubarrota e Com o 1.º de dezembro de 1640 garantindo-nos a independência, a guerra em África 1961/1974 juntamente com o 25 de abril não deixa de ser uma verdadeira batalha decisiva da História de Portugal que mudou para sempre Portugal.

Mas permitam-me que sublinhe algumas características dessa guerra no contexto dos conflitos em que Portugal tomou parte nos séc. XIX e XX.

- Foi uma guerra em quatro frentes, três delas em simultâneo. Angola, Índia, Moçambique e Guiné, a dezenas de milhares de quilómetros da área de retaguarda.
- Foi uma guerra conduzida por portugueses, com doutrina portuguesa e sem o exército português integrado em qualquer outro exército estrangeiro, como aconteceu na guerra peninsular, na IGG ou mesmo nas atuais operações de Paz.
- Foi uma guerra de longa duração, não perdida, que o poder político não aproveitou.
- Foi uma guerra defensiva, já que nos vimos atacados na Índia, em Angola, Moçambique e Guiné e o poder político decidiu empregar o meio militar para fazer face a essas agressões.

É, portanto, para nós Combatentes, importante que se reconheça o sacrifício de muitos, mortos e vivos, deficientes ou saudáveis numa guerra que a partir de certa altura deixou de ter horizonte, já que paralelamente ao esforço militar se impunha um esforço diplomático realista que aos poucos se tornou utópico.

Estamos por isso aqui de cabeça erguida e orgulhosos do dever cumprido, já que, tal como hoje nas operações de paz e humanitárias, procuramos garantir a paz às populações daqueles territórios e garantimos o tempo necessário à negociação política.

Termino agradecendo mais uma vez ao senhor Presidente da Câmara de Monforte a iniciativa que teve, e dizer-lhe que os combatentes e famílias da sua área têm a Liga dos Combatentes disponível para os apoiar através dos núcleos da liga mais próximos.

Desenvolvemos programas estratégicos e estruturantes, nomeadamente no âmbito da solidariedade. Em Estremoz temos uma residência para idosos e apoio domiciliário.

Em Évora temos um Centro de Apoio Médico Psicológico e Social a que podem recorrer. Apoiamos trasladações a pedido das famílias de combatentes inumados fora do território nacional, enfim promovemos os valores superiores do país, promovemos a solidariedade e lutamos pela paz e segurança no respeito da carta dos direitos humanos e da carta das Nações unidas e outros instrumentos internacionais.

Que este monumento seja um monumento vivo e esclarecedor do esforço, determinação e portuguesismo daqueles que caíram ou estão ainda vivos, e tal como hoje fazemos nós cem monumentos da Grande Guerra ao evocarmos o centenário desse holocausto, que a população de Monforte no futuro respeite e homenageie os que se bateram além-mar.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

VISITA DE SUA EXA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PROF DOUTOR MARCELO REBELO DE SOUSA À LIGA DOS COMBATENTES

5 de outubro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da República Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Excelência

Para além de constituir uma honra para a Liga dos Combatentes e para todos os seus membros espalhados pelo país e pelo estrangeiro, termos a visita de Sua Exa. o Presidente da República, é com grande prazer e estímulo que recebemos o Presidente de Honra do nosso Conselho Supremo.

A visita de V^a Ex^a. no ano em que a nossa instituição perfaz 95 anos da sua fundação, proporcionando-nos a possibilidade de apresentar a V. Exa o que hoje somos e queremos continuar a ser, evidencia mais uma vez, de forma clara, a prática objetiva de uma Presidência de Proximidade, que muito nos sensibiliza.

Exmo. Senhor General Pina Monteiro CEMGFA; Exmo. Senhor Dr. Marcos Perestrello Secretário de Estado da Defesa Nacional; Exmo. Senhor General Teixeira Rolo Chefe do Estado-Maior da Força Aérea; Exmos. Senhores Vices- Chefes do Estado-maior da Armada e do Exército; Exmo. Senhor General Morais Barroco, Presidente do Conselho Supremo e Membros do Conselho Supremo.; Exmo. Senhor Dr. Alcides Martins Presidente do Conselho Fiscal e Membros do Conselho Fiscal; Membros da Direção Central e Presidentes dos Núcleos

Meus Senhores e Minhas senhoras
Caros Combatentes

Muito obrigado pela vossa presença.

Exmo. Senhor Presidente da República, Excelência

Ao assumirmos a presidência Liga dos Combatentes, a nossa visão da sua missão, após a interpretação dos Estatutos, que encontrámos e não modificámos, foi a de que era possível garantir a perenidade da Liga dos Combatentes havendo para isso que trabalhar para, ativando e renovando a sua imagem, tornar a Liga útil, visível e credível, ao serviço do país e dos seus membros.

Como síntese da Missão da Liga direi que, conforme os seus Estatutos:

- Defende os valores superiores do país e a prática da solidariedade garantindo o apoio aos antigos combatentes e vítimas de guerra e suas famílias;
-

E conforme a missão da FMAC da qual somos membros:

- Promove a Paz e a Segurança no respeito da Carta das Nações Unidas e dos Direitos Humanos e de outros instrumentos internacionais.

Permita-me uma palavra sobre a nossa DIMENSÃO:

- A LC é a maior e mais antiga organização de antigos combatentes de Portugal;

- Tem como grande universo todo o cidadão português ou estrangeiro que um dia serviu as Forças Armadas ou Forças de Segurança em tempo de paz ou de guerra. Tendo sócios militares, não é uma instituição militar;
- Somos uma pessoa de utilidade pública administrativa, sem fins lucrativos, dotada de plena capacidade jurídica para a prossecução dos seus objetivos, constituída por voluntários, quer membros quer dirigentes não remunerados;
- A Liga dos Combatentes está sob tutela do MDN.

Face à Missão a cumprir definimos LINHAS DE AÇÃO ESTRATÉGICA materializadas em Programas Estratégicos e Estruturantes (constantes de Planos de Ação trienais de 2003-2018). Referimos de momento apenas as suas designações e apresentá-los-emos mais adiante:

1. LIGA SOLIDÁRIA;
2. CULTURA CIDADANIA E DEFESA;
3. CONSERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS;
4. CUIDADOS DE SAÚDE E APOIO SOCIAL;
5. INOVAÇÃO E MODERNIZAÇÃO;
6. PASSAGEM DO TESTEMUNHO;

Igualmente desenvolvemos Programas de Ação Tática de apoio aos Núcleos e membros da LC. Partimos assim para uma REFORMA ESTRUTURANTE que designámos por “IMAGEM RENOVADA”.

A visita de V. Exa proporcionou-nos e impulsionou-nos para que, evocando o passado e os nossos antepassados, sem esquecer o seu duro e histórico trabalho, o qual nos trouxe até aqui, fizéssemos uma pequena retrospectiva do presente, do que tem sido a evolução da Liga dos Combatentes desde que assumimos a Direção da nossa Instituição em 2003 e formulássemos a nossa prospetiva com base no futuro desejado.

É importante que sintamos que durante os últimos treze anos foi possível com o apoio de todos, dirigentes, técnicos, funcionários e membros da Liga dos Combatentes, realizar uma profunda Reforma Estruturante da quase centenária Liga dos Combatentes, renovando a sua imagem. Reforma que tem sido conduzida através de várias componentes.

A. Em primeiro lugar uma REFORMA DAS MENTALIDADES

Levar a acreditar os dirigentes e seus membros, que sendo a Liga dos Combatentes uma Instituição do passado, era importante dar utilidade ao seu presente e promover uma visão clara de um futuro possível e perene.

Isso pode hoje, ser afirmado que foi conseguido. Hoje é descabido fazer a até há poucos anos tradicional interrogação - o que é que faz a Liga? Ou - o que é que a Liga me dá? A Liga dos Combatentes é hoje reconhecido que faz e dá muito aos seus membros e estes à Liga e é uma Instituição do Passado do Presente e do Futuro.

Cinquenta por cento dos seus dirigentes são já novos combatentes que passaram pelas operações de Paz e humanitárias.

B. Em segundo lugar REFORMA DO SENTIDO SIMBÓLICO

Ampliando, renovando e rejuvenescendo os seus símbolos. Os seus símbolos quedavam-se pelo Hino Nacional e Estandarte Nacional e pelo Guião da Liga dos Combatentes e o seu tradicional

distintivo. Foram então criados e difundidos mais três símbolos que uma vez postos em prática materializam a unidade e a honra de pertencer à nossa instituição: o Grito da Liga dos Combatentes e o Hino da Liga dos Combatentes e escolhido o Patrono da Liga dos Combatentes.

Como patrono foi escolhido um soldado combatente, herói e santo: São Nuno de Santa Maria. Grito é uma síntese que aponta a um objetivo e revela as características da ação.

“LIGA DOS Combatentes?! Valores Permanentes
Liga dos Combatentes?! Em todas as Frentes”

Ao apelar aos Valores Permanentes, afirma que reconhecendo a volatilidade de alguns valores, os de carácter permanente são o seu objetivo último. Por outro lado, ao sublinhar “Em todas as Frentes” revela a sua abrangência de atuação, nomeadamente na frente da promoção da história, na frente da Cultura e da cidadania, na frente da solidariedade e do apoio mútuo, na frente do apoio a saúde, na frente do apoio social, na frente do ensino e do trabalho, na frente da conservação das memórias, enfim, na frente da inovação e modernização.

C. Em terceiro lugar REFORMA DO CONCEITOS DE ACTUAÇÃO

Foram estabelecidos seis Programas Estratégicos e Estruturantes e definidos programas complementares, postos em prática através de Planos de Ação Trienais.

Tais Programas Estratégicos e Estruturantes passaram a constituir as verdadeiras artérias capazes de dinamizar os mais importantes objetivos e atividades da Liga dos Combatentes.

Passo a referir uma síntese da sua atividade:

1. Programa Estruturante Liga Solidária

- Finalizámos em 2015 a criação de duas Residências para a idade de Ouro no Porto (30 utentes) e em Estremoz (70) e um infantário e um Creche no Porto (com 30 crianças cada), materializando um apoio social até agora inexistente;
- Estão em pleno e digno funcionamento. Aguarda inauguração a Residência de Estremoz, neste momento com 55 utentes;
- Continuamos com quatro terrenos disponíveis cedidos pelas Câmaras de Oliveira de Azeméis, Caldas da Rainha, Covilhã e Vila de Rei;
- Estabelecemos protocolos com a Cruz Vermelha, o IASFA, antiga Manutenção Militar e dezenas de outras instituições e empresas;
- Passámos de 7,50 euros para 50,00 euros o apoio mensal aos sócios carenciados;
- Estamos disponíveis para receber no Complexo Social do Porto um casal de refugiados, com dois filhos menores se os apoios a receber forem compatíveis.

2. Programa Estruturante Cultura Cidadania e Defesa

- Reabilitámos o Forte do Bom Sucesso e espaço circundante em adiantado estado de degradação e abandono;
- Criámos o Museu do Combatente e um espaço de apoio ao Museu denominado Café do Forte, com a reabilitação de Casas de Banho que disponibilizámos ao Público;
- Criámos a Capela do Combatente e o Memorial ao Combatente junto ao Monumento ao Combatente, para onde trasladámos os restos mortais de um combatente vindo da Guiné;
- Criámos e aumentámos uma reserva de obras de arte no Museu do Combatente;
- Criámos núcleos museológicos em vários Núcleos, nomeadamente Coimbra, Viseu, Oeiras, Estremoz, Funchal, entre outros, para além dos já existentes no Porto e na Batalha. (Museu das Oferendas);
- Criámos a Tertúlia Fim do Império e a Coleção Fim do Império tendo já efetuado 143 sessões e publicado 24 Obras referentes a Guerra do Ultramar.
- Publicámos o Livro Monumentos da Grande Guerra e da Guerra do Ultramar com todos os monumentos conhecidos em Portugal e no estrangeiro;
- Publicámos diversas obras nomeadamente, Revisitar Goa Damão e Diu, Pensar o Combatente por Portugal no séc. XXI, Mulheres na Guerra e nas Forças Armadas, “A Divisão Portuguesa na Batalha do Lys”;
- Passámos de 52 Monumentos erguidos em homenagem ao Combatente do Ultramar, para cerca 300 monumentos;
- Dignificámos as cerimónias do 9 de Abril, 10 de Junho com desfile dos combatentes e do 11 de Novembro evocando as efemérides do fim da GG, do fim da Guerra do Ultramar e o aniversário da Liga.

3. Programa CUIDADOS DE SAÚDE E APOIO SOCIAL

- Criámos um sistema de apoio a saúde, até aí inexistente;
- Criámos um Centro de Estudos de Apoio Médico psicológico e Social com as vertentes de formação, apoio à saúde e Apoio Social. Apoiámos doutoramento em psicologia que está ao serviço da Liga e apoiámos estagiários face a protocolos estabelecidos com universidades, alguns dos quais ficam ao serviço da Liga;
- Criámos oito Centros de Apoio Médico Psicológico e Social em Lisboa, Coimbra, Porto, Chaves, Beira Interior, Évora, Beja, Loulé, e dois Gabinetes em Angra do Heroísmo e Funchal, na generalidade servidos por técnicos voluntários ou pagos simbolicamente;

- Garantimos apoio efetivo aos combatentes e famílias no âmbito da deficiência social, deficiência física e deficiência mental, em especial no Stress pós-traumático de guerra;
- Passámos de zero técnicos, para cerca de 60 técnicos ao serviço do CEAMPS e dos CAMPS;
- Passámos de zero consultas para 12. 000 em 2015, sendo 4.000 de stress pós-traumático;
- É um programa extraordinariamente importante e exigente.

4. Programa ESTRUTURANTE CONSERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS

- Criámos novos talhões e novos ossários passando 217 talhões para 230 e de 80 ossários para 96 ossários em Portugal, apoiando a beneficiação de outros no estrangeiro;
- Desenvolvemos um programa de dignificação em todo o mundo dos locais onde se encontram inumados militares caídos ao serviço de Portugal;
- Realizámos cinco operações na Guine Bissau e criámos um Ossário em Bissau para recolha de restos mortais de militares vindos do interior, tendo dignificado o cemitério local;
- Realizámos sete operações em Moçambique e criámos um ossário em Nampula para recolha dos restos mortais recolhidos de outros espaços de Moçambique.
- Dignificámos áreas cemiteriais diversas em Moçambique, nomeadamente Maputo e ultimamente de Mueda;
- Dignificámos os cemitérios de S, Tome e Príncipe e de Cabo Verde no Mindelo.
- Beneficiámos os cemitérios de Richebourg e de Boulogne Sur Mer e promovemos a dignificação do Monumento de La Couture e de dezenas ao longo do país;
- Efetuámos um protocolo com a TAP garantindo o transporte gratuito de ossadas das capitais da Guine, Angola e Moçambique para Lisboa;
- Apoiámos a trasladação de restos mortais de militares caídos em África para Portugal;
- Foram recuperados e beneficiados os talhões em território nacional de que destacamos a beneficiação e dignificação da Cripta do Alto de S. João;
- Trasladámos os restos mortais de um combatente da Guiné e colocámo-las no Memorial ao Combatente em Belém.

5. Programa ESTRUTURANTE INOVAÇÃO E MODERNIZAÇÃO

- Somos possuidores de cerca de cinco milhões de documentos relativos à vida da nossa Instituição;

- Reinstalámos o Arquivo Histórico da Liga num sistema moderno e procedemos a digitalização de quinhentas mil imagens de documentos;
- Reorganizámos a Biblioteca com 25.000 volumes relativos à IGG, Guerra do Ultramar e da Operações de Paz;
- Colocámos painéis de produção energética na sede da Liga, no Complexo Social do Porto e no Forte do Bom Sucesso;
- Atribuímos computadores e impressoras a todos os Núcleos e Serviços da Liga;
- Criámos o canal TV do combatente e participámos no Programa da RTP2 Sociedade Civil;
- Obtivemos instalações para os 48 novos Núcleos, dignificámos a generalidade das instalações dos outros e adquirimos as instalações dos Núcleos de Leiria e da Marinha Grande;
- Recuperámos totalmente as degradadas ruínas do Paiol do Funchal e instalamos ali a sede do Núcleo do Funchal;
- Realizámos centenas de protocolos com universidades e com empresas nacionais e locais com vantagens para os nossos sócios.

6. Programa ESTRUTURANTE PASSAGEM DO TESTEMUNHO

- Estabelecemos um Plano para a Passagem de Testemunho aos novos militares das Forças Armadas e Forças de Segurança.
- Fizemos conferências em várias instituições e estabelecimentos de ensino das Forças Armadas. Temos dezenas de Núcleos dirigidos por elementos jovens das Forças Armadas muitos dos quais combatentes participantes nas Operações de Paz e Humanitárias. Este facto dá-nos a garantia de que este programa é viável e que é fundamental aprofundar a sua prática.

Agradecendo ao senhor General Pina Monteiro o incentivo que faz sistematicamente, nomeadamente em cerimónias para que os militares se façam sócios da Liga, apelo aos senhores CEM para apoiem o Programa Passagem do Testemunho que tive oportunidade de enviar.

Faz parte dos nossos planos de ação a criação de Núcleos Jovens. Temos em lançamento um Programa denominado “Dos Avós aos Netos”

D. REFORMA DO SISTEMA CONTABILISTICO E FINANCEIRO

Mantendo a autonomia dos núcleos foi em 2010 centralizada toda a contabilidade na Direção Central passando os Serviços de Contabilidade da DC a controlar a atividade Geral da Liga dos Combatentes.

Foram igualmente adotados os sistemas e programas oficiais de contas e desde logo contratado um Revisor Oficial de Contas.

Mantém-se imprescindível o apoio financeiro do MDN. Ele tem-se mantido o mesmo nos últimos anos, após quebra significativa em 2009, compreende-se face a situação que país tem vivido.

Isso tem-nos levado a um esforço hercúleo para numa instituição de solidariedade social como a nossa, conseguir receitas próprias para compensar e não só não comprometer a missão, mas cumpri-la de forma eficiente e eficaz. As receitas próprias que em 2003 representavam 33% das receitas totais correspondem hoje a 61% embora seja uma posição difícil de sustentar.

Não obstante os investimentos feitos e o aumento de património verificado, as Reservas financeiras mantiveram-se até 2014 estáveis, ano em que nelas se refletiu o investimento feito nas residências de seniores e infantário. Passámos a ter obra social real, mas menos disponibilidade financeira e a necessitar por isso de compreensão e apoio.

A nossa capacidade de resposta a problemas inopinados ficou reduzida, pelo que o nosso esforço passa agora por resolver problemas inopinados já surgidos e repor uma reserva financeira mínima que garanta alguma capacidade de resposta.

Necessitamos por isso cada vez mais do apoio do MDN e da sua compreensão. É momento também para agradecer ao senhor General CEMGFA e Chefes do Estado Maior do Exército da Força Aérea e da Marinha, o apoio que nos tem proporcionado das mais variadas formas.

Antes de concluir sublinho apenas cinco assuntos, já colocadas superiormente e dos quais naturalmente aguardamos em breve apoio para uma solução favorável:

1. A isenção da Liga, como prevê a legislação, do Princípio da Onerosidade. O que o Ministério das Finanças nos continua a solicitar para pagamento de rendas de seis instalações protocoladas com o Exército há décadas, não é cumprível, é insustentável e incompreensível para os combatentes.
2. Apoio da Segurança Social, atribuindo no mínimo os apoios a 75% de utentes da Residência de Estremoz conforme previsto e não a 25% como continua a acontecer.
3. Perdão ao combatente Fuzilado da I GG conforme proposta da Liga de há dois anos.
4. Início do Programa Conservação das Memórias em Angola.
5. Apoio Financeiro para os casos inopinados já apresentados e quando possível o aumento dos apoios anuais.

E. CONCLUSÃO

A concretização recente de antigas aspirações e o reconhecimento da sua utilidade, recompensa, estimula e reforça a necessidade de continuação da REFORMA "IMAGEM RENOVADA".

De facto, inaugurámos o complexo Social do Porto, a Residência para Seniores em Extremoz, inaugurámos a Capela do Combatente e o Memorial ao Combatente no Museu do Combatente, fomos contemplados com o Prémio *Rehabilitation Price* da FMAC, no âmbito do programa Cuidados de Saúde e com o prémio TRIPAVISER no âmbito do Programa Cultura Cidadania e Defesa, no Museu do Combatente e Monumento aos Combatentes.

Todos estes resultados são o culminar de toda uma atividade que, na última década, nos conduziu a um crescimento e expansão muito significativos que nos devem orgulhar e honrar pelo trabalho que todos vimos desenvolvendo por esse Portugal fora e no estrangeiro.

A Liga dos Combatentes mantém-se numa fase de crescimento.

Passámos de 64 para 112 Núcleos e Delegações o que significa que criámos uma nova Liga com mais, até agora, 48 núcleos.

Passámos de zero para 12 núcleos ou delegações no estrangeiro.

Passámos de 350 dirigentes para cerca de 600 dirigentes, ou seja, mais 250 dirigentes.

Passámos de 149.000 inscrições para 179.000 ou seja mais 30.000 sócios, o que significa que continuamos crescendo também em número de membros da Liga embora percamos por morte cerca de 500 sócios, anualmente.

No âmbito do pessoal, passámos de 30 funcionários para 133 funcionários, incluindo os cerca de 60 técnicos dos CAMPS, após a abertura das Residências. Fomos criadores de postos de trabalho.

Enfim, somos uma Instituição útil ao país e em particular aos seus membros, como reza o nosso estatuto.

Somos uma Instituição visível e credível na sociedade portuguesa.

Somos uma organização viva e com esperança fundada na nossa perenidade.

Por isso continuaremos a gritar sempre:

Liga dos Combatentes?! Valores Permanentes
Liga dos Combatentes?! Em todas as Frentes

Exmo. Senhor Presidente da República.

Perfazem-se hoje 106 anos da implantação da República. Perfazem-se igualmente 102 anos que os primeiros combatentes da GG atuaram em África e 95 da Fundação da Liga dos Combatentes. Nascemos com a República e a Grande Guerra.

Viva a República.

Viva a Liga dos Combatentes.

VIVA PORTUGAL.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DO CENTRO DE APOIO MÉDICO, PSICOLÓGICO E SOCIAL 3 (CAMPS 3), NO PORTO

25 de outubro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Rui Moreira; Exmo. Senhor Major-general Braga em representação do Senhor General Comandante do Pessoal; Exmos. Senhores Comandante da GNR e Diretor da PSP do Porto; Exmo. Senhor Presidente do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes

Senhores Presidentes de Núcleos, presentes
Minhas Senhoras e Meus senhores, ilustres convidados

Caros Combatentes

A presença de V. Ex^a Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, nesta cerimónia, faz-nos por um lado reviver a história, por outro lado ter o prazer de sinalizar a V^a Ex^a o presente da Liga dos Combatentes no Porto e finalmente sublinhar os nossos objetivos no futuro. Uma palavra sobre o passado, duas sobre o presente, três sobre o futuro.

A história da Liga dos Combatentes no Porto remonta ao nosso nascimento como Instituição. Na reunião da primeira assembleia geral para constituição da Liga, logo aparecem referenciadas as delegações de Nevala e La Couture, a cargo dos Senhores Abel Estima Júnior e Armando Fonseca Cardoso, bem como a respetiva Agência a cargo do Dr. Alfredo Barata da Rocha.

Estávamos em outubro de 1923. No Porto, igualmente, havia já nascido para apoio de famílias de combatentes da Grande Guerra, a Junta Patriótica do Norte e o Lar dos Filhos dos Soldados, a primeira com sede na própria Câmara Municipal do Porto, e que mais tarde viria a ser integrada na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, e o Lar dos Filhos dos Soldados, primeiro da Rua de Cedofeita e posteriormente na Quinta Amarela. A Câmara do Porto e a gente do Porto foram assim pioneiros no apoio aos combatentes, às famílias e aos órfãos da I Grande Guerra.

O nosso presente dá-nos satisfação e orgulho. A obra realizada pelos nossos fundadores, nomeadamente por João Jayme Faria Affonso, está no Porto preservada e melhorada.

V. Ex.^a tem no Porto dois patrimónios morais e materiais que dignificam a Liga dos Combatentes e a cidade do Porto:

- O Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes de que V. Exa. hoje visita a sua sede;
- O complexo social N^a Sr^a da Paz na Quinta Amarela, que eu convido desde já V. Ex^a a visitar quando assim o entender, atrevendo-me a dizer que é uma organização única no País, intergeracional e muito digna: residência, jardim-de-infância e creche.

Estes dois patrimónios morais e materiais integram-se num conjunto de 113 Núcleos da Liga dos Combatentes, dos quais 12 no estrangeiro, e 2 residências para seniores sendo uma no Porto e outra em Estremoz.

No presente, a Liga dos Combatentes desenvolve 6 Programas Estratégicos e Estruturantes:

1. Liga Solidária, onde se integram as duas residências já referidas, postas a funcionar no corrente ano.
2. Conservação das Memórias: tem por objectivo a recuperação de corpos de militares inumados nas várias áreas do globo com prioridade para África.
3. Cultura, Cidadania e Defesa, que garante a preservação dos Núcleos Museológicos da Liga dos Combatentes. Criámos o Museu do Combatente em Lisboa, beneficiámos o Museu de oferendas na Batalha e outros Núcleos Museológicos.
4. O Programa Inovação e Modernização que nos garante sermos uma organização moderna e atualizada.
5. O Programa Passagem do Testemunho que tem como objetivo a perenidade da Liga dos Combatentes. 50% da Liga dos Combatentes tem já como dirigentes antigos combatentes que participaram nas Operações de Paz e Humanitárias.
6. Finalmente o Programa Estratégico Cuidados de Saúde e Apoio Social, iniciado há oito anos com a criação de um Centro de Estudos e Apoio Médico, Psicológico e Social, cujo coordenador é o Tem Cor Prof. Doutor António Correia, doutorado em Psicologia já com o apoio deste Programa da Liga dos Combatentes e 10 CAMPS.

Destes 10 Centros de Apoio Médico e Social, em Lisboa, Coimbra, Chaves, Beira Interior, Beja e Loulé, Funchal, Angra do Heroísmo e Évora, inaugurámos hoje as novas instalações do CAMPS 3 do Porto.

Das atividades desta estrutura, salientamos no ano 2015 a realização de 12.500 consultas das quais 4.000 na área do stress pós-traumático, efetuadas por 60 técnicos, uns voluntários outros pagos a preços simbólicos.

Finalmente algumas palavras pelo futuro ambicionado pela Liga dos Combatentes no Porto:

1. Sendo o Núcleo do Porto um dos grandes Núcleos da Liga dos Combatentes, desejamos que tenha ainda maior visibilidade, utilidade e credibilidade.
Para isso importa:
 - a) O aprofundamento do Programa Estratégico Estruturante Passagem do Testemunho, o que significa esforço para aumentar o número de sócios jovens (Operações de Paz, Forças de segurança, Forças Armadas);
 - b) Garantir o funcionamento eficaz do CAMPS 3, em apoio dos combatentes e famílias da cidade do Porto, e da região noroeste;
 - c) Revitalizar e modernizar o Museu do Núcleo e abri-lo ao público;
 - d) Garantir a dignidade do espaço dedicado à loja e recuperar as águas furtadas;
 - e) Ser útil à cidade do Porto.

2. No que se refere ao Complexo Social N.º Sr.ª da Paz, garantir o seu funcionamento com 100% de ocupação, quer na vertente de Residência Sénior, quer na creche, quer no jardim - de-infância.
3. Finalmente, aspiramos à continuação do interesse manifestado por V. Exa. e tomo a liberdade de colocar apenas 3 pontos em que solicitámos a V/ ajuda.
 - a) Apoio da Câmara do Porto na área cultural que nos permita dignificar o Museu existente nesta Sede, a fim de o colocar à disposição dos combatentes e suas famílias, do público da cidade e do turismo;
 - b) Repetir o pedido já feito do anterior no sentido de a Liga dos Combatentes ser ressarcida da verba que foi pedida para a licença de obras no Complexo Social e de que darei cópia a V. Exa. dos ofícios enviados;
 - c) Finalmente apoio e interesse para a edificação na Cidade do Porto de um Monumento aos Combatentes do Ultramar, juntando-se assim esta cidade a cerca de 300 localidades no País e no Estrangeiro que o fizeram em homenagem aos que caíram ou se bateram na Guerra do Ultramar.

Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto Dr. Rui Moreira, acredite que o dia de hoje fica na história do Núcleo da Liga dos Combatentes.

Não nos recordamos de uma visita semelhante à Liga dos Combatentes nos últimos anos.

Os Combatentes estão-lhe gratos por isso.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

98.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 42º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR, 95.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E EVOCAÇÃO DO CENTENÁRIO DA GRANDE GUERRA

11 de novembro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da República Prof Dr. Marcelo Rebelo de Sousa

Excelência

Dá-nos Va Exa a subida honra de presidir a esta cerimónia.

Desde a tomada de posse de V.ª Ex.ª que a Liga dos Combatentes vem tendo o privilégio de o ter várias vezes connosco, recebendo de V.ª Ex.ª a importante e atenciosa presença e a incentivadora palavra. Respeito, preocupação, admiração e apoio à causa dos combatentes, é o que temos recebido e entendido dessa presença e de suas sempre estimulantes palavras e orientações.

O agradecimento que V.ª Ex.ª anunciou irá atribuir hoje à Liga dos Combatentes, testemunha o desenvolvimento de ações que serão reconhecidas pelos combatentes e famílias do presente e do futuro, como um tempo novo, no apoio aos antigos combatentes.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Azeredo Lopes; Exmo. Senhor General CEMGFA, General Pina Monteiro; Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional Dr. Marco Perestrello; Exmos. Senhores Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Luís Fragoso; Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Teixeira Rolo; Chefe do Estado-Maior do Exército General Rovisco Duarte; Comandante da Guarda Nacional Republicana, General Sá Couto; Senhor Diretor Nacional da PSP, Superintendente Luís Farinha; Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém, Dr. Fernando Rosa; Exmos. Senhores Chefes da Casa Militar e Casa Civil de Sua Exa o Presidente da República; Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores-gerais, Dirigentes do MDN; Ex.ª Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Manuel Linda; Exmos. Senhores Embaixadores da Áustria, Bélgica, Ucrânia e Cabo Verde; Exmos. Senhores Adidos de Defesa da Alemanha, Brasil, Reino Unido, França, Rússia e Angola; Exmos. Senhores Presidentes das Câmaras presentes, e Diretores da SHIP, Cruz Vermelha e CPHM; Exmos. Presidentes das Associações Nacionais e Estrangeiras, nomeadamente Souvenir Français, Royal British Legion e NATO Joint Analysis Lesson Learned Centre e Strike for NATO; Exmo. Senhor Presidente e Membros do Conselho Supremo e Corpos Sociais da Liga dos Combatentes

Minhas Senhoras e meus Senhores

Caros Combatentes

A presença de todos, que muito agradecemos, dá-nos mais uma vez a garantia de que não estamos sós no cumprimento desta nobre missão.

Exmo. Senhor Presidente da República, Excelência

O ano de 2016 é um ano de memória coletiva ativada por acontecimentos bélicos ocorridos durante os últimos cem anos.

Evocamos hoje a Paz. A 98 anos do Armistício da GG, a 42 anos do fim da Guerra do Ultramar e a 95 anos da fundação da Liga dos Combatentes da GG.

Permitam-me, pois, reafirmar que não só Portugal é obra de soldados. A história é também obra de soldados.

A Grande Guerra, encerrada com o Armistício, a Guerra do Ultramar encerrada com o 25 de abril e as Operações de Paz e Humanitárias, em curso, são os marcos que os historiadores encontrarão para caracterizar este período da história de Portugal.

Acompanhando estes três momentos históricos, desenvolveu-se uma instituição particular de solidariedade social nascida com a GG e que até hoje se tem mantido vigilante e atuante face aos problemas sociais e de saúde dos combatentes e famílias, batendo-se igualmente pela Paz e Segurança em Portugal e no mundo.

Em 1916, após confrontos bélicos desde 1914 em África, o Portugal político deu o passo decisivo para que as Forças Armadas entrassem na Grande Guerra e com essa decisão, deu origem à razão da nossa própria existência como Instituição solidária promotora de valores e da história.

Finalizada a guerra em 1918, a "grande causa do sacrifício nacional" que a Junta Patriótica do Norte serviu e a LCGG manteve e sustentou, alimentaram por um lado o imaginário da guerra e por outro lado denunciaram situações e garantiram apoio àqueles que nela se sacrificaram e para os quais se tornou evidente o esquecimento e abandono.

Quanto ao imaginário da guerra, então defendido e incentivado nomeadamente por homens destacados das letras da época, cito Guerra Junqueiro:

"Vós ides combater pela humanidade e pela Pátria, por nós e pelo Mundo. Joana d' Arc e Nun'Alvares abraçam-se e fraternizam...

Quem morre pela justiça e pela Pátria inunda-se de luz, ergue-se a Deus...

Chorais a despedida como crianças, mas partis cantando como heróis.

O dever dos que ficam é cuidar dos que partem, tomando-os para modelo e como exemplo.

O heroísmo dos que dão a vida por nós todos, reclama a unidade heroica da nação inteira." Fim de citação.

Enganaram-se, porém, os que perante este incentivo acreditaram que este fenómeno arrastava consigo um acordo generalizado e que uma vez regressados do inferno da guerra, encontrariam no seu Portugal o céu do reconhecimento e do apoio dos que lhes atribuíram essa tão heroica missão.

Enganaram -se. No final da guerra abririam uma nova frente. A frente da guerra, que não mereciam, uma verdadeira guerra em tempo de Paz. Logo o regresso e o acolhimento seriam chocantes. Manuel de Oliveira em "Notas de um soldado em campanha".

Descreve: - São nove horas da manhã. O barco atraca...ninguém no cais.... Lembro-me que quando cheguei a Brest- no estrangeiro- havia povo e música a saudar-nos.

Agora que regressamos vencedores não há uma pessoa no cais...

Na Avenida reparei que para meter figura teria que me uniformizar a paisana, e agora tu meu bravo serrano que espreitaste o boche em Neuve-Chapelle, que o bateste em Lavantie ou La

Couture despe a farda se desejas o sorriso das raparigas da tua terra e lança-te à charrua ou ao martelo com aquela intrepidez com que galgavas o parapeito" ... da trincheira.

Começava a guerra da Paz.

"Em Portugal, a incúria e o abandono a que foram votados os combatentes, ultrapassou os limites da paciência e da razão".

Um grupo de combatentes decide então, em 1921, fundar o que designou por Liga dos Combatentes da Grande Guerra que se coloca ao lado da Junta Patriótica do Norte e da Cruzada das Mulheres Portuguesas, não sem que o seu aparecimento não suscitasse à classe dirigente interrogações sobre que força era esta que surgia?

Cedo se compreendeu que "não pretendiam os homens da guerra intrometer-se na barafunda das lutas partidárias".

Mas toda a mentalidade de antes da guerra tinha sido naqueles homens profundamente modificada, dando lugar a um novo modo de ser, a um "espírito novo" que mais tarde se chamaria "espírito de combatente". Espírito que ainda hoje perdura.

"A solidariedade foi o sentimento que nos seus corações viveu mais intensamente". Só analisando a história se compreende que os combatentes tendo feito a guerra, dela não saíram ao regressar a Portugal. Momentos difíceis do país, momentos difíceis das suas gentes, momentos muito difíceis dos combatentes e famílias. Logo em 1934, com um novo regime, o seu Presidente Hernâni Cidade assistiria a mudança forçada dos seus estatutos os quais só foram novamente modificados após o 25 de Abril, em dezembro de 1975, restituindo-lhe o carácter democrático que sempre haviam tido e que hoje perdura. Hoje que evocamos a nossa fundação e nossos fundadores, com uma exposição alusiva, saliento que são três os combatentes considerados os nossos fundadores, tendo à cabeça um soldado, ferido em combate, promovido após as campanhas da Flandres a sargento miliciano, João Jayme Faria Afonso que seria por quarenta anos, 1º Secretário e Secretário-geral da Liga.

Perfazem-se este ano e neste mês de novembro, 50 anos da sua morte. Permitam-me homenagear a sua memória, a sua ação para a criação de uma instituição que queremos perene, sendo essa a maior homenagem que lhe podemos fazer. Fez algo de grande que perdurou no tempo, para combatentes e famílias que nunca conheceu. A Isso, trabalhar engrandecendo o futuro dos que hão de vir, chama-se fazer a grande política. Do seu testamento destaco o facto de desejar ser enterrado no talhão da Liga dos Combatentes, no Alto de S. João, em pé, à entrada da cripta, sem anúncio da sua morte. O que foi cumprido.

Neste dia do armistício em que recordamos todos, demos especial relevo a João Jayme Faria Afonso, combatente por Portugal, em França e nosso fundador.

Permitam-me que recorde também seu filho, capitão de cavalaria Faria Afonso, Cruz de guerra a título póstumo, cujo nome se encontra numa das lápides deste monumento, caído em combate na guerra do ultramar, na operação Nó Górdio, em Moçambique. Uma palavra de saudação amiga a sua filha D. Maria José e seu filho aqui presentes.

Exmo. Senhor Presidente da República

A nossa história é uma história de vencedores. Vencedores da História e vencedores de crises sobre crises, procurando "o cumprimento das obrigações sagradas que as nações contraíram para com os inválidos de guerra, para com as viúvas, para com os órfãos e procurar que a todos combatentes fosse prestado auxílio" numa obra social ímpar. Passámos momentos difíceis. O mais dramático em 1927 de que relatório da LCGG é testemunho ao descrever a situação financeira da Liga que só foi resolvida com a criação, pelo então Ministro da Guerra, do selo das ressalvas militares, ou taxa a favor da Liga, também conhecida por estampilha. Medida que resolveu a situação e durou até aos nossos dias, tendo terminado com a abolição do papel selado e outras taxas. A abolição da taxa a favor da Liga, porém, viria a ser considerada inconstitucional, pelo Tribunal Constitucional, em 2002, mas não foi até hoje reposta a legalidade da situação.

Decorreriam precisamente 40 anos após a fundação da Liga até eclodir um novo conflito, que conduziria ao emprego massivo e prolongado das nossas Forças Armadas, além mar. Passaram 42 anos sobre o fim dessa Guerra em África. Hoje Angola celebra a sua independência.

A guerra de África viria a criar um novo e significativo núcleo de combatentes. A Liga dos Combatentes continuou o cumprimento da sua missão patriótica e de apoio social e à saúde desses combatentes e famílias. O conhecimento que temos da nossa história recente e do presente, leva-nos a afirmar que não obstante os problemas que somos chamados a resolver e apoiar todos os dias e das crises com que o país tem sido confrontado, a situação da generalidade dos combatentes e famílias não tem paralelo com a dramática e miserável situação generalizada do após Grande Guerra.

Temos problemas graves, de pobreza e de doença, mas felizmente o país é outro e para melhor, na generalidade das circunstâncias. Mas, por outro lado, importa também sublinhar que a dimensão quantitativa do fator tempo e do número dos que foram chamados a pegar em armas, numa e noutra situação, é enorme. Cerca de uma centena de milhares de combatentes na Grande Guerra, durante quatro anos, para cerca de um milhão na guerra do ultramar, durante catorze anos, acarreta consigo responsabilidades e problemas acrescidos ao Estado e à própria Liga dos Combatentes.

Não acompanhamos, porém, aqueles que apresentam periódica e sistematicamente reivindicações utópicas e irrealizáveis, mas estamos com aqueles que defendem o apoio real à deficiência social, à deficiência física e doença mental de combatentes e famílias, e com os que estimulam o reconhecimento dos feitos e sacrifícios de todos os que participaram na guerra, quer o façam por palavras, quer o façam por atos de apoio e solidariedade. É importante reconhecermos que os combatentes do ultramar tomaram parte numa Batalha Decisiva da nossa História. Se Aljubarrota e a Restauração foram batalhas decisivas que nos garantiram a independência, a guerra do ultramar finalizada com o 25 de abril, foi igualmente uma batalha decisiva, uma guerra prolongada não perdida, que mudou para sempre a nossa forma de viver e de estar no mundo. Nós, combatentes do ultramar, participámos nessa batalha decisiva. Quis o tempo histórico e a conjuntura estratégica que os combatentes de Portugal fossem novamente solicitados para, noutros ultramares, mais uma vez a milhares de quilómetros da base de retaguarda, continuassem a defender os valores e interesses superiores do país, integrados em forças aliadas ou ao serviço das nações unidas.

A Liga dos Combatentes numa confirmação dos seus ideais patrióticos e humanitários, vem passando o testemunho a esses combatentes, tal como o recebemos dos que tomaram parte da GG. A essas Forças Nacionais Destacadas, que honram Portugal, nas novas missões de apoio à manutenção ou implementação da Paz e Humanitárias prestamos a nossa homenagem, jamais esquecendo aqueles cujos nomes se encontram nas lápides deste nosso monumento e morreram ao serviço das forças armadas ou forças de segurança de Portugal. Num ano em que se evoca o centenário da entrada de Portugal na Grande Guerra e se percorre o tempo histórico e estratégico de então até hoje, testemunham-se os serviços prestados pelos combatentes em "perigos e guerras esforçados" de vivências terrenas que muitas vezes os aproximaram da morte e da necessidade de aceder a um apoio transcendente.

Talvez por isso D. Nuno Alvares Pereira, ajoelhou em Aljubarrota. Fátima surgiu há precisamente cem anos, com a participação de Portugal na GG. O Cristo das Trincheiras e o Cristo de Verdum são hoje símbolos venerados pelos combatentes. Como já afirmei noutras ocasiões, quantos combatentes do ultramar, evocaram o Cristo do Capim?

Finalizo, pois, com esta homenagem à Paz, aos que se bateram em conflitos por Portugal e aos 95 anos da Liga dos Combatentes, evocando, para além do sentido patriótico que toca os combatentes e o sentido do transcendente que lhes surge, sempre que o risco e o perigo estão presentes, no campo de batalha, o lado heroico que os caracteriza quer na vida quer na morte.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CONFERÊNCIA INTEGRADA NO SEMINÁRIO EVOCATIVO DA GRANDE GUERRA, NO MUSEU NACIONAL DA IMIGRAÇÃO EM PARIS

10 de dezembro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

O SOLDADO PORTUGUÊS NA GRANDE GUERRA E A LIGA DOS COMBATENTES

É um prazer e uma honra participar neste seminário evocativo do Centenário da Grande Guerra.

Há precisamente cem anos (1916) o poder político em Portugal, decidiu empenhar as suas Forças Armadas, no centro da Europa, integradas no Exército Inglês defendendo o território francês e interesses comuns.

Dois anos antes (1914) sem qualquer declaração de guerra, as Forças Armadas portuguesas batiam - se na frente africana, contra a mesma ameaça, defendendo as suas colónias no respeito da conferência de Berlim.

Numa breve análise da história, rapidamente se constatará que não houve seculo algum da história de Portugal, em que as Forças Armadas Portuguesas não tivessem que ser empregues em defesa dos interesses superiores do país.

Em 1916, Portugal, com metade da população de hoje, com 80% de portugueses trabalhando na agricultura e 75% de analfabetismo, debatia-se com a crise resultante da mudança de regime monárquico para república e com reformas estruturais. Logo em janeiro de 1912 com uma greve geral em Lisboa em solidariedade com trabalhadores rurais do Alentejo, enquanto em Londres por nota oficiosa se desmentiam os boatos de que da Inglaterra e a Alemanha haviam chegado a acordo na divisão das colónias portuguesas de África. Era o começo das razões da decisão de Portugal entrar na GG 1914/1918, ao lado dos aliados: defesa dessas mesmas colónias.

Nessa nossa história estão também incluídos aqueles combatentes que na segunda metade do século XX se bateram ou caíram na guerra em África nos anos 1961 a 1974, bem como aqueles que a partir de 1995 caíram ou participam nas missões de manutenção ou imposição da paz e humanitárias, ao serviço das Forças Armadas portuguesas.

Os anos de 1918, fim da GG, 1974 fim da guerra em África e 1995 início das Operações de Paz e Humanitárias, são para os combatentes portugueses de hoje, a memória viva que os move e comove e que os leva, há décadas, a convergir na evocação de todos os Combatentes, no dia 9 de abril, dia da Batalha de La Lys, no coração da França, durante a GG.

Desta abordagem aleatória de momentos cíclicos e decisivos da nossa história, surgem-nos dois fatores permanentes, sempre presentes:

- Os combatentes organizados em Forças Armadas e o carácter nacional do seu emprego;
- Foram os Combatentes e um carácter nacional que no século XII e XIII conduziram à formação de Portugal;
- Foram os combatentes e o carácter nacional que No séc. XIV conduziram à garantia independência de Portugal;

- No século XV nas diversas guerras com Castela e no domínio dos mares;
- No século XVI estiveram presentes na invasão de Portugal pela Espanha e em confrontos em várias partes do mundo;
- No séc. XVII nas guerras de restauração com a Espanha, na Índia, no Brasil e com a Holanda em diversos cantos do mundo;
- No séc. XVIII nas guerras com Espanha, Índia e África;
- No século XIX fazendo frente a três invasões francesas e a uma guerra civil;
- No séc. XX na I e II Grande Guerras Mundiais e na Guerra do Ultramar na Índia e em África.

Não houve, de facto, século da história de Portugal em que os combatentes como parte integrante dos Exércitos e das Forças Armadas portuguesas não tivessem que ser empregues mais que uma vez na defesa dos valores e interesses vitais do país. Tal significa que houve ciclos de crise que precederam ou se seguiram aos períodos críticos dos conflitos. Todos vencidos. Todos ultrapassados. Mas todos criadores de sacrifícios e de períodos de sofrimento e muito luto. Se da análise das informações estratégicas prospetivas é difícil tirar conclusões futuristas credíveis, da análise das informações estratégicas de base, como o fator histórico, é verosímil concluir ser provável que ao longo do século XXI, Portugal venha igualmente a ser confrontado com situações que exijam do poder político, a aplicação das Forças Armadas em missões vitais para o país. São esses fatores de base e não só a instabilidade ou o tipo de ameaça de hoje, que exigem sentido estratégico e de estado, pois ninguém poderá perspetivar a situação das ameaças a Portugal no séc. XXI, para além daquelas que exigem hoje o emprego de Forças Nacionais Destacadas em três continentes.

Mas a História é fator de alto interesse estratégico na determinação de probabilidades futuras. Daí o interesse dos seminários que V.^{as} Ex.^{as} vêm realizando.

A minha intervenção procurará contribuir para o louvável esforço destes seminários, para a Reconstituição e Conservação das Memórias e para que, um dia, venham a ser atingidos objetivos de Paz e Segurança. Com essa finalidade proponho-me abordar o tema em quatro óticas:

1. Necessidade de inscrição na memória coletiva francesa do que foi a participação e ação das Forças Armadas Portuguesas em Franca, durante a Grande Guerra;
2. Desmistificação do que parece ser aceitação comum, em Portugal e não só, relativamente ao que denominam de desastre ou tragédia de La Lys (uma batalha decisiva para o Corpo Expedicionário Português) e Naulila em Africa,
3. Liga dos Combatentes, uma feliz e útil consequência da Grande Guerra, em Portugal;
4. Vestígios atuais resultantes da presença do soldado português em Franca, durante a Grande Guerra.

INSCRIÇÃO NA MEMÓRIA COLECTIVA DA POPULAÇÃO FRANCESA DA PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

Recordemos o que aconteceu no ano de 1917, ano em que Portugal entrou na frente de combate, em França, há precisamente 99 anos.

Evoquemos este 99.^o aniversário da entrada de Portugal na GG, salientando factos significativos.

A 2 de Fevereiro desse ano as primeiras forças do CEP começam a desembarcar em Brest e a 4.^a missão militar a deslocar-se para Moçambique.

A 4 de Abril de 1917 entrou em linha, há precisamente 99 anos, a primeira unidade portuguesa, dois meses depois de ter chegado a França. Nesse mesmo dia era morto o primeiro militar português António Gonçalves Curado. No mês seguinte tínhamos sofrido os três primeiros prisioneiros a que se seguiram as primeiras tropas afetadas por gases de guerra.

Só em setembro acabou de se completar a entrada da 1.ª Divisão portuguesa no sector da CE britânico, Ferme du Bois, Neuve Chapelle, Fauquisart, estando a 2.ª Divisão em reserva.

Simultaneamente, em novembro, Portugal enviava para Moçambique a quarta expedição para fazer frente ao exército alemão e onde se viriam a sofrer 4.800 mortos em combate e por doença, para além de cerca de 100.000 civis, mas a manter intactos os interesses de Portugal e as fronteiras que ainda hoje são as fronteiras Norte de Moçambique independente.

Ainda nesse mês de novembro de 1917, em França, foi executada a pena de morte a que foi condenado pelo tribunal de guerra do CEP, o soldado João Augusto Ferreira de Almeida, pelo crime de traição.

Foi o único caso verificado, ao contrário de centenas de casos que sucederam nos exércitos, francês, inglês e outros países participantes Será oportuno sublinhar que este caso do Soldado João Almeida tem uma proposta da Liga dos Combatentes com vista ao seu perdão já que esse perdão está tacitamente aceite há muito, dado que o soldado Almeida embora condenado, tem os seus restos mortais sepultados no cemitério de Richebourg, em França, ao lado dos seus 1830 camaradas, ali sepultados e caídos ao serviço da Pátria.

Foi também organizada a Esquadilha expedicionária a Moçambique tendo o Alferes Gorgulho, saindo de Mocímboa da Praia, realizado o primeiro voo de reconhecimento em África a 7 de setembro, tendo falecido no dia seguinte por queimaduras resultantes da queda do seu avião.

Com forças na frente de combate, Portugal assiste a uma retaguarda politicamente frágil que conduziu a 5 de dezembro à revolta de Sidónio Pais, à instalação de uma ditadura militar e à aceitação de uma proposta inglesa relativa ao CEP que o diminuiu como força representativa do país.

Podemos, finalmente, concluir que no ar, no mar e em terra, os nossos combatentes comportaram-se com bravura, rusticidade, dignidade e com grande espírito de cooperação e mereceram participar nas comemorações de vitória em 1918.

É, pois, com este sentimento de país vitorioso da história, por mais austera e difícil que ela tenha sido para os portugueses, que devemos encarar o presente e o futuro. Sistemáticamente somos confrontados, ao falar com cidadãos franceses sobre a grande guerra e a participação de Portugal nesse conflito, com uma atitude de admiração e surpresa quando afirmamos e descrevemos o que foi para nós essa participação e o facto de termos estado combatendo em França ao lado das suas forças armadas.

O que é para nós o episódio decisivo da nossa atuação, a Batalha do Lys, aquando da ofensiva alemã George, é para a população francesa completamente desconhecido.

Aliás foi também com surpresa que no primeiro livro lançador em Franca das evocações do centenário da Grande Guerra, Portugal não aparecia como país participante, o que levou o governo português a recomendar a sua inclusão.

Algumas razões podem justificar esta situação.

O facto das Forças Armadas Portuguesas terem atuado, não de forma independente, mas integrados no Exército Inglês e não no Exército Francês; o facto de só termos decidido entrar na guerra dois anos depois do seu início (1917/ 1918) e finalmente termos participado apenas com um Corpo de Exército, unidade que se diluiu entre os diversos exércitos empregues de ambos os lados do conflito.

Apenas em Pás de Calais, a Mairie de Richebourg e de Lá Couture, onde temos o nosso cemitério com 1831 campas e um significativo Monumento, nos acompanham anualmente nas cerimónias que a Liga dos Combatentes ali continua a realizar com a presença de entidades oficiais portuguesas e francesas.

Relevante para um país como Portugal, acabado de deixar o regime monárquico e instaurado havia quatro anos um regime republicano, com uma instabilidade política e económico financeira terríveis, ter-se batido em três frentes a dezenas de milhares de quilómetros da base de retaguarda: - Moçambique, Angola e França.

A França que cem anos antes, com Napoleão, se constituíra em ameaçador inimigo de Portugal, com três invasões do território nacional, foi durante a Grande Guerra o chão sagrado a defender pelos soldados portugueses, em situações dramáticas, de ambiente operacional e falta de apoios no teatro de operações ou vindos da base da retaguarda, esta em permanente convulsão política.

À população francesa, deve, pois, ser transmitido, neste período de evocação deste primeiro holocausto do século XX, que Portugal esteve presente a seu lado, na defesa do seu chão e dos mesmos valores e que os soldados portugueses aqui lutaram, morreram e muitos escolheram a França para viver o resto das suas vidas.

Ao longo do tempo histórico e estratégico que nos separa da Grande Guerra, houve sempre uma ligação muito sentimental entre os antigos combatentes portugueses e combatentes franceses, sendo a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, hoje Liga dos Combatentes e a Souvenir Français promotoras de cerimónias periódicas.

Assinalo a título de exemplo a participação do fundador da Liga dos Combatentes João Jayme Faria Afonso, em 1938, em cerimónia evocativa do 20º aniversário do Armistício, no Arco do Triunfo onde com a chama trazida de Portugal acendeu a chama da Pátria no Arco do Triunfo. Ou as mais altas condecorações portuguesas da Torre Espada Valor Lealdade e Mérito atribuídas a cidade de Lille e a Cidade de Arras, ou mais recentemente as condecorações dos Maires de Richebourg e De La Couture pela Liga dos Combatentes, numa demonstração de entendimento, reconhecimento e interesse pela história e conservação das memórias comuns, ou finalmente as excelentes relações de hoje entre a Liga dos Combatentes e a Souvenir Français em Portugal.

A PARTICIPAÇÃO DO SOLDADO PORTUGUÊS NA GRANDE GUERRA E NOS CONFLITOS DO SEC XX E O MARCO HISTÓRICO QUE REPRESENTA PARA OS PORTUGUESES A BATALHA DO LYS

É uma “comunhão de afetos” que nos reúne aqui hoje.

Colocamos mais uma pedra naquilo a que venho chamando de Império da Alma. Portugal e França sabem o que têm ganho e perdido ao longo da sua história. Ambos continuam tendo o seu Império da Alma.

Relativamente a Portugal, geograficamente, desfizeram-se impérios - o império da Índia, o Império do Brasil, o Império de África - mas não perdemos o Império da Alma.

É esse Império constituído por milhões de portugueses espalhados pelo mundo, incluindo a França, que importa aglutinar, aprofundar espiritual, patriótica, cultural e economicamente, ligando-os organizadamente em rede, reforçando o conceito da nossa Pátria secular.

Desenvolvemos assim as nossas Forças Morais e Materiais, como fator do nosso Potencial Estratégico Nacional.

Os séculos XX e XXI contribuíram para a evidência da necessidade desse Império da Alma português, ser fator importante para a nosso comportamento e força, nos organismos internacionais como a ONU, a UE ou a CPLP.

La Lys em França (1918) e Naulila em Angola e Moçambique a partir de 1914, são episódios que, como a guerra do Ultramar (1961/1974) contribuíram para a necessidade de hoje se evidenciar esse nosso Imperio da Alma, pois muitos insistem terem sido derrotas, desastres ou mesmo tragédias militares. Não comungamos desta leitura da história.

Quatro constantes, porém, importa, em permanência, ter em consideração e evidenciar na atuação do soldado português:

- Em primeiro lugar, durante todo o século XX e XXI, o soldado português ao serviço das nossas forças armadas empregues na grande guerra, na guerra do ultramar e nas operações de paz, nunca iniciou as hostilidades nem invadiu nunca nenhum país, nem território.
- Uma segunda constante. O soldado português nas nossas forças armadas foi sempre empregue longe da sua base de retaguarda, a milhares de Km de distância do seu berço, num esforço heroico e hercúleo. Assim aconteceu na Grande Guerra, na Guerra do Ultramar e acontece hoje nas Operações de Manutenção da Paz. São duas constantes históricas que prologam a nossa trajetória secular e acrescentam valor humano à nossa posição e figurino internacionais.
- Em terceiro lugar face ao emprego das nossas forças armadas, salvo a guerra do ultramar 1961-1974, o soldado português teve que se adaptar sempre e integrar-se em formas de atuação diferentes, em exércitos aliados.
- Finalmente uma quarta constante que importa combater frontalmente com base na investigação e no estudo histórico e científico do fator militar, nos conflitos em que tomámos parte no seculo XX e XXI: o negativismo.

É frequente tratar a nossa participação militar na Grande Guerra, nomeadamente em África (NAULILA) e em França (LA LYS), como uma grande derrota militar. Chega mesmo a afirmar-se que não houve nada pior, depois de Alcácer Quibir, (Batalha no Norte de África onde Portugal perdeu o seu Rei D. Sebastião). De Naulila, e de La Lys fala-se de “desastre” e de “tragédia”. Da guerra do ultramar há quem afirme que perdemos militarmente a guerra. Para além da comunhão de afectos num verdadeiro Império da Alma que importa desenvolver, há que, para o fortalecer, eliminar a tendência para evidenciar a leitura negativa dos factos, o derrotismo, deixando de olhar sistematicamente para o negativo que surge para lá do monte e nunca evidenciar o positivo que se nos apresenta, quando olhamos para lá do horizonte.

Em La Lys, integrados no I Exército Inglês, sofremos com eles a rotura da frente perante uma ofensiva poderosa, contribuímos para que a retirada permitisse a continuação da batalha noutra frente e cinco meses depois desfilávamos em França celebrando a vitória daqueles com quem nos tínhamos aliado. Em termos de estratégia operacional e geral vencemos. Em Naulila, Angola, depois de um primeiro êxito português em outubro, seguiram-se retaliações que culminaram com a confrontação em 18 de Dezembro, entre 8000 efetivos alemães e 2000 efetivos portugueses.

Após o confronto de que resultaram 12 mortos e 30 feridos do lado alemão e 69 mortos e 76 feridos do lado português, ambas as forças retiraram ordenadamente, sem perseguição e da parte das forças alemãs foi enviado emissário apelando à paz.

Nenhum dos lados de pôde considerar vencedor.

A ação contribuiu decisivamente para que após reforços o general Pereira D’Éça pudesse restabelecer a ordem e as fronteiras que, cem anos depois, ainda hoje vigoram entre dois países independentes.

Naulila não deve, pois, ser vista como uma tragédia ou um desastre, mas como uma contingência tática que contribuiu para uma vitória da estratégia operacional e geral, garantindo a manutenção das colónias por parte de Portugal.

O mesmo sucedeu em La LYS.

Quanto à guerra do ultramar é bom que reafirmemos que as Forças Armadas, ressaltando a Índia portuguesa, nas condições conhecidas, não perderam a guerra, como por vezes se lê e houve.

É, pois, importante que neste momento em que se aprofunda e investiga a história de acontecimentos bélicos, como a Grande Guerra, que se sublinhe e se desenvolva uma leitura positiva e abrangente em termos militares, abandonando de vez, a leitura catastrófica de episódios menos felizes em termos táticos, mas que se valorizem, como contribuição para vitórias, se os enquadrarmos em termos estratégicos e mesmo políticos.

É com esse espírito e visão que estamos aqui valorizando os feitos das tropas portuguesas em África e em França, na Grande Guerra, e a enaltecer a determinação, feitos e sacrifícios dos seus soldados.

LIGA DOS COMBATENTES UMA FELIZ E ÚTIL CONSEQUÊNCIA DA GRANDE GUERRA EM PORTUGAL

Primeira República, Primeira Guerra Mundial. Liga dos Combatentes. Trilogia que marca, ainda hoje, o século XX português. Sacrifício, Guerra. Solidariedade. Outra Trilogia que marcando toda uma época se transmitiu de combatente em combatente, de família em família, até aos nossos dias.

O 9 de abril de 1918, dia da Batalha do Lys, é hoje evocado como Dia do Combatente, em Portugal.

É no nosso sentir profundo, um símbolo do conhecido esforço do soldado português ao longo dos séculos.

O 11 de novembro, Dia do Armistício, transformou-se no país e em toda a Europa, num verdadeiro Dia da Paz entre as Nações.

Em Portugal o fim da guerra e o regresso dos soldados a Portugal conduziria à incúria e ao abandono a que foram votados os combatentes que ultrapassou os limites da paciência e do razoável.

Completamente desprovidos do mínimo auxílio legal, esquecidos e ignorados de tudo e de todos restando-lhes só o recurso de lamentarem as suas dores e as suas misérias.

Um grupo de Combatentes, liderados por um soldado ferido em combate na Flandres, promovido a sargento após regressar a Portugal, depois advogado decide então, em 1921, fundar o que designou por Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Nascia uma Instituição que se mantém hoje com os mesmos objetivos: a promoção e defesa dos valores e a prática da solidariedade para com os combatentes e famílias.

Nós, Liga dos Combatentes, herdeiros dos valores morais e materiais de uma História e de uma Tradição patriótica, humanista e cosmopolita, escrita pelos Homens-Soldados com suor e sangue português na lama europeia da Flandres e nas florestas e capins de Angola e Moçambique, continuamos a afirmar no centenário daquele holocausto e a testemunhar dizendo em voz forte: A Liga dos Combatentes não esquece nem esquecerá.

E a estrada da História marcou-nos, geração do fim do século XX, com fenómeno semelhante atirando-nos para terras africanas à procura da forma de melhor defender os interesses vitais do país, com os sacrifícios e o sangue que só a Pátria tem direito de exigir.

Hoje, somos conhecedores da misericórdia, solidariedade, apoio mútuo que ao longo de quase um século, a Liga dos Combatentes vem garantido a combatentes deficientes, traumatizados, idosos, carenciados, excluídos socialmente incluindo suas famílias, numa ação complementar dos deveres do Estado, sem nunca ter fechado as suas portas.

Isto permite-nos gritar bem alto, àqueles que se batem hoje fora das fronteiras do país, na defesa dos interesses nacionais, que vale a pena respirar o ar do dever cumprido. E se algum dia, após o regresso, a vida os trair, sabem que existe uma Instituição Perene que os apoia hoje e apoiará no futuro.

O Passado, o Presente e o Futuro, trilogia da Vida conjugam-se na Liga dos Combatentes, desde a Primeira República aos nossos dias, sempre da mesma forma:

- Promoção dos Valores;
- Prática da Solidariedade;
- Permanente defesa dos direitos e deveres do Combatente português;
- Promoção da Paz e Segurança.

Esta filosofia e princípios reafirmamo-los hoje na evocação do centenário da Grande Guerra.

Nos cento e treze Núcleos existentes, a Liga dos Combatentes apoia diariamente os combatentes no esclarecimento e encaminhamento quer de assuntos de carácter militar do seu interesse, quer no apoio e resolução de problemas de carácter social e da saúde, não esquecendo a cultura, o ensino, o trabalho, o lazer, em quatro palavras, os Valores, a Solidariedade e o Apoio Mútuo. Gostaria de ver melhor reconhecida essa capacidade de resposta e de economia de meios que é intrínseca à Liga dos Combatentes. Sobre as suas atuais atividades permitam-me que fale mais de resultados do que de problemas e transmita a convicção e determinação de que ultrapassaremos as dificuldades que se nos deparam, desenvolvendo os seis Programas Estratégicos e Estruturantes que definimos:

No Programa Liga Solidária, inaugurámos um Complexo Social na cidade do Porto por adaptação do Lar dos Filhos dos Combatentes, com uma residência para seniores, um infantário e uma creche e construímos a Residência S. Nuno de Santa Maria na cidade de Estremoz.

No Programa Conservação das Memórias, para dignificação dos lugares onde se encontram inumados militares portugueses em todo o mundo, iniciámos o programa pela Guiné Bissau, efetuando cinco operações, criando um ossário em Bissau e dignificando ali o cemitério, efetuando trasladações para Portugal a pedido das famílias. Seguiu-se Moçambique com sete operações e a constituição de um ossário em Nampula. Efetuámos igualmente ações em Richebourg e Boulogne-sur-Mer, em S. Tomé e Cabo Verde.

A recuperação e manutenção das três centenas de talhões existentes em Portugal, incluindo a cripta do Alto de S. João, completaram um trabalho permanente de um programa exigente e sem fim.

No Programa Cuidados de Saúde materializámos a criação de dez de Centros de Apoio Médico Psicológico e Social no país para apoio à saúde e apoio social dos combatentes e famílias, nomeadamente no apoio ao stress pós-traumático. Damos relevo ao Protocolo estabelecido com a Ordem Nacional dos Psicólogos e ao aumento das necessidades de apoio à deficiência física e mental e apoio social, sem meios necessários e suficientes, havendo que reduzir despesas e apoios.

No Programa Cultura Cidadania e espírito de Defesa para além dos prémios escolares atribuídos a alunos dos estabelecimentos de ensino militar que se distinguiram nestes âmbitos, assinalo as dezenas exposições levadas a efeito no Museu do Combatente bem como as centenas de exposições organizadas pela DC com acervo próprio, em apoio dos núcleos e em cooperação com as autarquias.

No âmbito do estudo e investigação da guerra do ultramar a continuação da Tertúlia Fim do Império com já 150 sessões e a edição de 25 livros da Coleção com o mesmo nome, em colaboração com a Comissão de História Militar e a Câmara Municipal de Oeiras.

No que se refere ao Programa Modernização e Inovação sublinho a continuação do esforço de dignificação das instalações dos Núcleos e a sua informatização.

Finalmente no Programa Passagem do Testemunho, procurámos, com os Ramos das Forças Armadas e as Forças de Segurança, divulgar os nossos objetivos, verificando-se na prática resultados positivos que se evidenciam pela existência de elementos jovens na Direção de cinquenta por cento núcleos da Liga.

Minhas senhoras e meus Senhores

Somos uma instituição transversal da sociedade portuguesa. Temos membros que vão do sem-abrigo a sua Exa o Presidente da República, do carpinteiro ao engenheiro, do soldado ao general, do agricultor ao empresário. Somos, pois, uma instituição complexa onde convergem todas as sensibilidades da sociedade portuguesa. Vivemos e sentimos por isso os problemas que afetam as pessoas e a sociedade em geral. O seu bem-estar é o nosso bem-estar. A sua tristeza é a nossa tristeza. E com as suas vivências que nos debatemos dia a dia, como qualquer cidadão ou organização nacional. O que nos suporta enquanto Instituição e nos transforma num conjunto coeso e determinado, integrador de todas as sensibilidades, é essa massa aglutinante dos Valores Superiores porque um dia nos batemos e a Solidariedade e o Apoio Mútuo que há cerca de um século praticamos. Enfim, essa eficiente mística, estratégica e taticamente articulada, que resulta da condição de termos sido militares, parte das nossas vidas, ao serviço das Forças Armadas portuguesas.

No nosso caso, combatentes em momentos históricos da vida de Portugal. Temos por isso moral para afirmar que, nas crises como na guerra, é preciso coragem e determinação para vencer, mas as vitórias só terão o seu real valor, se o nosso comportamento for exemplar e a ação, quer estratégica quer tática, conduzida da forma mais humana possível.

VESTÍGIOS ATUAIS RESULTANTES DA PRESENÇA DO SOLDADO PORTUGUÊS EM FRANÇA, DURANTE A GRANDE GUERRA

Após a Grande Guerra Portugal nunca mais deixou de estar representado em França. Essa representação fez-se ao longo dos anos e faz-se ainda hoje, de forma individual, de forma coletiva e de forma simbólica. De forma individual através dos combatentes que decidiram manter-se em França ou por razões de trabalho ou por razões de família constituída e aqui criaram as suas raízes e a sua descendência. É disso exemplo notório a família da Madame Felícia Assunção, filha do Combatente da Grande Guerra João Assunção, casado com uma cidadã francesa e de quem teve onze filhos. Porta-estandarte da Liga dos Combatentes em Lillers, transmitiria essa missão à sua filha Madame Felícia que ainda hoje com os seus 85 anos é a porta-estandarte da Liga dos Combatentes em França, nas cerimónias oficiais e Presidente do Núcleo de Lillers da Liga dos Combatentes.

Colectivamente porque a Liga dos Combatentes mantém em França, Núcleos presididos por portugueses residentes em França, nomeadamente em Paris (Neuilly sur Sene), Richebourg e Roubaix e Lillers. Simbolicamente, porque mantem em França, 1831 restos mortais de militares, portugueses, em Richebourg, e 44 em Boulogne Sur Mer, mortos na Grande Guerra.

Ainda por que ergueu monumentos em território Francês, evocando e homenageando os portugueses caídos, durante a GG, em Ambleteuse, Boulogne Sur Mer, Richebourg e La Couture. Termino, sublinhando, após de referir o passado, as excelentes relações actuais entre Portugal e a França, defendendo os mesmos valores, integrando-se nas mesmas organizações civis internacionais e a mesma Aliança Militar.

Toda a vivência comum durante todo o século XX, nomeadamente este sentimento de ter visto Portugal defendendo e morrendo em solo francês pelos mesmos valores que a França, creio, muito têm contribuído para a excelência dessas relações.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

13 de dezembro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente do Conselho Supremo, tenente-general Morais Barroco e Membros do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes; Exmo. Senhor Presidente do Conselho Fiscal e Membros do Conselho Fiscal; Exmo. Senhor Major-general Governo Maia Vice-presidente da Cruz Vermelha

Entidades Convidadas
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Sensibilizados agradecemos por mais uma vez o terem--se juntado a nós nesta quadra festiva do Natal.

Permitam-me uma palavra especial para o General Sousa Pinto e Almirante Leiria Pinto que pela primeira estão connosco como membros do Conselho Supremo.

Igualmente agradecemos a disponibilidade e apoio do Conjunto musical Flor de Chá que mais uma vez nos presenteou com uma alegre e competente atuação.

Igualmente a todos os que trabalharam para usufruirmos deste almoço quer o nosso pessoal quer o grupo do Sr. Miranda que se juntou a nós e me traz grandes recordações do meu tempo de Diretor do IAEM.

A DC da Liga dos Combatentes e o seu Presidente desejam-vos nesta quadra festiva as melhores Boas Festas Natalícias e as melhores felicidades no desempenho das vossas funções. O vosso sucesso será certamente o nosso sucesso. Por incrível que pareça vivemos subordinados a uma ditadura implacável do tempo. Essa ditadura por incrível que também pareça deixa-se dominar por vezes pela vontade humana e esta convence-se por sua vez que dominar o tempo. E consegue. É isso que fazemos hoje mais uma vez. O Natal vive dessa força de vontade humana dominadora. Dominamos a ditadura do tempo e saímos da rotina da vida.

Num dia como o de hoje, é o dia do ano em que para além do convívio e dos desejos formulados de Boas Festas, possamos, eivados de um sentimento de Paz, refletir em conjunto e sublinhar o que de importante ocorreu na Liga dos Combatentes que mereça referência, no ano de 2016.

Procurarei ser muito seletivo porque a finalidade fundamental, hoje, é de facto confraternizarmos e evocarmos esta época natalícia.

O primeiro facto que me surge a merecer referência é o de, contrariamente a vivências anteriores, termos tido no ano em curso cinco visitas de Sua Ex.^a o Presidente da República a Liga dos Combatentes, bem como as palavras e atitudes que teve e prometeu ter no futuro, para com a Liga dos Combatentes.

O Senhor Presidente da República esteve com a Liga dos Combatentes, no dia 9 de Abril, Dia do Combatente, na Batalha, onde presidiu as cerimónias; visitou o Memorial do Combatente e a Capela junto ao Monumento aos Combatentes em Belém, no dia 9 de Junho, incentivou o desfile

dos Combatentes a 10 de Junho no Terreiro do Paço e visitou o cemitério de Richebourg e La Couture em França; efetuou a visita oficial a Liga dos Combatentes em 5 de outubro e presidiu às Cerimónias Nacionais do Armistício, do dia 11 de Novembro, em Belém.

O segundo facto que assinalo está ainda relacionado com o Senhor Presidente da República e Presidente de Honra do nosso Conselho Supremo.

Foi a atribuição à Liga dos Combatentes da condecoração correspondente ao Membro Honorífico da Ordem do Mérito, reconhecendo assim o valor de toda obra social que a Liga dos Combatentes vem desenvolvendo. Devemos todos estar orgulhosos deste reconhecimento por parte de Sua Exa o Presidente da República.

Não quero deixar de assinalar como momento de elevado significado, a simbólica entrega à Liga dos Combatentes, pelo General Rocha Vieira, da última Bandeira Nacional hasteada em Macau, em cerimónia presidida pelo senhor ministro da Defesa Nacional e a presença do senhor SEDN e que posteriormente foi colocada, no dia 9 de abril, no Museu das Oferendas na Batalha, em lugar de destaque.

Um facto que a seguir assinalo é o da criação de duas residências para seniores e um infantário. Tendo sido abertas no corrente ano as Residências para seniores em Estremoz para sessenta e quatro utentes e no Porto para trinta utentes, elas estão em pleno funcionamento, com a lotação muito perto dos cem por cento e a funcionar com estrema dignidade.

Assinalo não só o esforço de todos, quer da Direção Central quer dos responsáveis diretos pelas residências por demonstrarem as capacidades da Liga dos Combatentes para assumir responsabilidades de apoio aos combatentes e famílias, até agora não disponíveis.

Criamos cinquenta postos de trabalho e apoiamos mais de cem utentes estando assim, como estabelece o nosso estatuto, ao serviço do país e em particular dos seus membros.

Neste âmbito assiná-lo como factos em aberto a não inauguração oficial da Residência de Estremoz e o facto de a Segurança Social a nível nacional não ter satisfeito as propostas da segurança social de Évora quanto a percentagem de utentes a serem apoiados. Continuamos apenas com 25 e não 75% conforme previsto.

Honramo-nos todos, termos posto de pé dois pilares fundamentais para cumprimento da missão da Liga dos Combatentes.

Em quarto lugar gostaria de assinalar a primeira Peregrinação Nacional de Combatentes a Fátima com grande adesão de combatentes e famílias. Vamos repeti-la em 27 de maio de 2017.

Igualmente, sublinho que inaugurámos novos monumentos, novas instalações de núcleos e novos núcleos.

Novos Monumentos em Anadia (Moita), Azoia, Monforte, Aveiro, Macedo de Cavaleiros, Ribeirão, Amarante, Santarém (Raposa), Montijo, Vieira de Leiria, Funchal, Via França de Xira, Tortosendo, Ovar.

Novas instalações de Núcleos, nomeadamente em Moura, Montijo, Pico, Angra, Caldas da Rainha, Elvas e Pinhal Novo (este em curso).

Novos núcleos em Moura, Santa Margarida e Meda no continente e Nova Inglaterra nos EUA e um em desenvolvimento na cidade de Doboj, na Bósnia.

Sobre este último assiná-lo o Protocolo efetuado entre a A Liga dos Combatentes e o Presidente da Câmara de Doboj que pretende garantir a dignidade do Monumento ali deixado pelos paraquedistas aquando da sua missão naquele país, homenageando os seus mortos. Protocolo que se junta a dezenas de protocolos assinados pela DC e pelos núcleos no apoio social a combatentes e famílias. Homenageamos o nosso fundador Jaime Faria Afonso nos 120 anos do seu nascimento e os cinquenta anos da sua morte, quer no dia de finados no Alto de S. João. Quer no dia do Armistício, quer com uma exposição no Museu do Combatente a que demos o nome de "Fundação e Fundadores" e que continua aberta ao público. Continuamos o esforço do apoio à saúde. Foram efetuadas duas reuniões importantes de técnicos em Coimbra e Reguengos de Monsaraz, e inauguradas as novas instalações do CAMPS do Porto com a significativa presença do senhor Presidente da Câmara do Porto. É difícil fazer melhor com as verbas disponíveis e continuamos a aguardar resposta sobre a nossa proposta de adesão à rede nacional de apoio.

Registámos igualmente os bons resultados do Museu do Combatente e do Café do Forte e do Museu de Oferendas na Batalha e a entrada da Biblioteca da Liga dos Combatentes na Plataforma das Bibliotecas da Defesa Nacional, assim como a assunção da elaboração da revista do Combatente pelo pessoal do Departamento de Informática, reduzindo despesas.

Finalmente assiná-lo o último Programa lançado pela Direção Central, como parte do Programa Estratégico e Estruturante Passagem do Testemunho e que denominamos " Dos Avós aos Netos " e se insere no conceito cujo objetivo é a garantia do futuro da Liga dos Combatentes que se orgulha de ter já nos seus quadros e em cinquenta por cento dos seus núcleos, dirigentes que participaram nas operações de Paz e humanitárias.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Hoje é o dia apropriado para assinalar as coisas positivas do ano. Não quero deixar de assinalar algumas preocupações que espero resolvidas no próximo ano de 2017, nomeadamente:

- Resolução do problema relativo ao princípio da onerosidade;
- Cumprimento por parte da Segurança Social dos seus compromissos para com a Liga dos Combatentes;
- Melhor apoio e acompanhamento por parte do MDN na solução de diversos assuntos postos pela Liga dos Combatentes, à tutela, que aguardam ainda solução.

Termino agradecendo todos os que voluntariamente garantem a atividade desta instituição e o cumprimento dos seus objetivos.

Agradeço o apoio o apoio institucional e financeiro que o governo vem atribuindo a Liga dos Combatentes. Não esquecemos e agradecemos o apoio sempre dado pelo General CEMGFA e pelo General CEME, CEMFA e Almirante CEMA. Igualmente, agradeço a todos os que nos ajudam, nomeadamente aqueles que anonimamente ou voluntariamente o fazem, bem como aos que devotadamente aqui trabalham. Devemos orgulharmo-nos por servir uma causa e uma Instituição

única no país. Devemos fazê-lo com um sentido positivo, perspetivando o futuro desejado. Venho muitas vezes assinalando que não nos devemos quedar por observar os acontecimentos olhando para lá do monte, mas que devemos principalmente preocupar-nos em sermos capazes de olhar para lá do horizonte.

É com essa perspetiva, do acreditar no amanhã, que arranjamos forças para continuar a servir e defender esta instituição.

Muito obrigado a todos e um Bom Natal de 2016 e as maiores felicidades no ano de 2017.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE ANO NOVO

29 de dezembro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Num tempo em que a inovação e a modernização, proporcionando a mudança, estão presentes no nosso dia-a-dia, a incerteza e a insegurança condicionam o nosso comportamento.

É importante nos momentos de pausa e de reflexão, que os períodos do Natal e Ano Novo proporcionam, transmitirmos aos que conosco vivem as dificuldades e os êxitos da nossa Instituição secular, dois sentimentos genuínos e profundos:

Um sentimento de agradecimento a todos os membros da Liga dos Combatentes, por, como seus aderentes voluntários, continuarem a construir e a desenvolver uma Instituição útil, visível e credível, ao serviço do país e de todos os associados. Igualmente de profundo agradecimento aos que também voluntariamente, se disponibilizam para dirigi-la aos diferentes níveis dos seus órgãos sociais. É possível cumprir, crescer e vencer em ambientes de incerteza e insegurança. O trabalho por todos realizado, permitindo o desenvolvimento e o atingir de objetivos que nos devem orgulhar, permite-me como primeiro responsável e presidente, explicitar este sentimento numa palavra: OBRIGADO.

O segundo sentimento que gostaria de vos transmitir, é um sentimento de esperança e de determinação. Para que todos os Núcleos espalhados por Portugal e no mundo, todos os membros da Liga dos Combatentes, independentemente da sua qualidade de sócios, se empenhem na promoção e defesa dos valores e na prática da solidariedade, nossos objetivos estatutários, e que por eles lutem quando postos em causa, sendo sempre elementos ativos na garantia da dignidade do cidadão combatente e da perenidade da Liga dos Combatentes. E essa a nossa esperança e a nossa determinação.

Termino com votos de um Novo Ano próspero em termos pessoais e familiares para todos os nossos membros, deixando-vos a certeza de que tudo continuaremos a fazer para prestigiar a Liga dos Combatentes, honrar os nossos mortos e lutar pela dignidade dos vivos.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general